GUERRA JUNQUEIRO

A Musa em Ferias

(IDILIOS E SATIRAS)

TERCEIRA EDIÇÃO, MUITO EMENDADA E AUGMENTADA

LISBOA
LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA — EDITOR
50, 52 — Rua Augusta — 52, 54
1896

A MUSA EM FERIAS

(IDILIOS E SATIRAS)

GUERRA JUNQUEIRO

A Musa em Ferias

(IDILIOS E SATIRAS)

TERCEIRA EDIÇÃO, MUITO EMENDADA E AUGMENTADA

LISBOA
LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA — EDITOR
50, 52 — Rua Augusta — 52, 54
1893

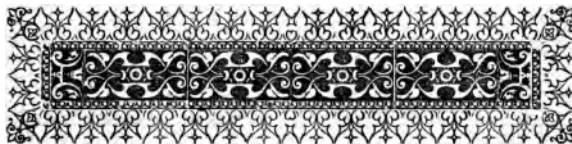
AO MEU AMIGO

LUIZ DE ANDRADE

A' MEMORIA DE

ALFREDO TEIXEIRA PINTO LEÃO

AO MEU AMIGO

DR. BERNARDINO MACHADO

DEDICATORIA

Recordam-se vocês do bom tempo d'outr'ora,
D'um tempo que passou e que não volta mais,
Quando íamos a rir pela existencia fóra
Alegres como em junho os bandos dos pardaes?
C'roava-nos a fronte um diadema d'aurora,
E o nosso coração vestido de explendor
Era um divino abril radiante, onde as abelhas
Vinham sugar o mel na balsamina em flor,
Que doiradas canções nossas bôcas vermelhas
Não lançaram então perdidas pelo ar!...
Mil chimeras de gloria e mil sonhos dispersos,
Canções feitas sem versos,
E que nós nunca mais havemos de cantar!

Nunca mais! nunca mais! Os sonhos e as esp'ranças
São aureos colibris das regiões da alvorada,
Que buscam para ninho os peitos das creanças.
E quando a neve cae já sobre a nossa estrada,
E quando o inverno chega á nossa alma, então
Os pobres colibris, coitados, sentem frio,
E deixam-nos a nós o coração vasio,
Para fazer o ninho em outro coração.
Meus amigos, a vida é um sol que chega ao cumulo
Quando cantam em nós essas canções celestes;
A sua aurora é o berço, e o seu ocaso é o tumulo:
Ergue-se entre os rosaes e expira entre os ciprestes.
Por isso, quando o sol da vida já declina,
Mostrando-nos ao longe as sombras do poente,
É-nos doce parar na encosta da colina
E volver para traz o nosso olhar plangente,
Para traz, para traz, para os tempos remotos
Tão cheios de canções, tão cheios de embriaguez,
Porque, ai! a juventude é como a flor do lotus,
Que em cem annos floresce apenas uma vez.

É como o noivo triste a quem morreu a amante,
E que ao sepulchro vae com suas mãos piedosas

Sobre um amor eterno — o amor d'um só instante —
Deixar uma saudade e uma c'rôa de rosas;
Assim, amigos meus, eu vou sobre um thesoiro,
Sobre o estreito caixão, pequenino, infantil,
Da nossa mocidade, — a cotovia d'oiro
Que nasceu e morreu n'uma manhã d'abril! —
Desprender, desfolhar estas canções sem nexo,
Estas pobres canções, tão simples, tão banaes,
Mas onde existe ainda um palido reflexo
Do tempo que passou, e que não volta mais.

Dezembro de 1878.

A MUSA

I

Das suas tranças doiradas
Nem uma só é postiça ;
É casta como as espadas,
É recta como a justiça.

Não tem o languido geito
Das musas côr das opalas,
Que andam doentes do peito
E fazem furor nas salas,

Traz á cinta cartucheira
E traz arma a tiracolo;
É a alegre vivandeira
Dos demagogos... d'Apolo.

Ás commendas diamantinas
Prefere os lirios nevados,
E as *blouses* garibaldinas
Ás becas dos advogados.

Não procura o bene-placito
Da côrte ou da santa sé;
Depois de jantar com Tacito,
Vae ceiar com Rabelais.

Ás grandes festas hipocritas
Do mais brilhante palacio
Prefere a *aurea mediocritas*,
O encanto do velho Horacio.

Detesta graves pedantes;
Ama o justo, o bello, o nu.
Tem relação com Cervantes,
E trata Voltaire por tu.

Persegue, apupa, destroça
A mediocridade ignara,
Com a farinha da troça
Enfarinhando-lhe a cara.

Riso ligeiro nos labios,
Gosta de ir, pé ante pé,
Quebrar na nuca dos *sabios*
O ovo d'um *triolet*.

Se avista um analfabeto
Inchado, com grandes famas,
Pede aos cortiços do Himeto
As vespas dos epigramas,

Cultiva de noite e dia,
Da melhor fórma que póde,
As ortigas da Ironia
Junto aos platanos da Ode.

A's vezes, mesmo por graça,
Ella atropella sem pena
Filinto Elizio que passa
De braço dado a Lucena.

E, se gritam, não faz caso,
Vae-se rindo alegremente
Da vereação do Parnaso,
De que é Boileau presidente.

Corre pelo mundo fóra
No seu divino alasão :
É como se fosse a aurora
Montada sobre um trovão !

Quando uma barreira é alta,
Vae n'um galope desfeito,
Enterra-lhe a espora, e salta
O muro do Preconceito.

Sobe ao pincaro dos mastros
Da inspiração, e lá cima
Ao eixo fulvo dos astros
Prende os trapesios da rima.

Levando na mão a esphera
Estrellada do universo,
Faz prodigios de chimera
Na corda bamba do verso.

Já levantou barricadas
No Parnaso lusitano,
Desempedrando as calçadas
Dos versos para piano.

Vae n'este caminho escuro
Lutando, cantando e rindo;
Senta-se junto ao Futuro
Na extrema esquerda do Pindo.

II

Se vê a força, o amor,
Que lavra na terra inteira,
E faz saír uma flor
De dentro d'uma caveira;

Se lhe lembra a morte odiosa,
Velha trapeira homicida,
Que na cesta tenebrosa
Junta os farrapos da vida;

Se pergunta quem nos ares
Poz a terra, esse mosquito,
E faz jogos malabares
Com astros pelo infinito ;

Se contempla a maravilha
Que enche á noite a escuridão
De soes, como quem polvilha
De areia de oiro um borrão ;

Se em rocha erma e sombria
Escuta o mar formidavel,
Batendo de noite e dia,
Como um remorso implacavel ;

Se a mesma semente, o grão
Da humanidade (mysterio !)
N'um dia produz Platão
E no outro dia Tiberio ;

Se a retorta, a velha bruxa,
Lhe diz que o erro e a verdade
São *marionetes*, que puxa
O bobo Fatalidade;

E que o homem, ser divino,
Vae na funda escuridão
Marchando atraz do Destino,
Como um cego atraz d'um cão;

Se a Musa emfim quer entrar
Do Misterio a porta escura,
Diz á sciencia: — Vae buscar
A chave da fechadura.

III

E a sciencia erguendo ao espaço
Os claros olhos profundos,
Co'a exactidão do compasso
Mede as orbitas dos mundos.

Rasga com milhões de arados,
Fura com milhões de sondas
Os campos verdes pastados
Pelos rebanhos das ondas.

Prevê a hora, o segundo
Em que o temporal frenetico
Ha de tombar sobre o mundo
Com um ataque epileptico.

Interroga a luz e a treva,
Os vermes e os Prometheus,
Desde Locusta até Eva,
Desde o infusorio até Deus.

IV

Deus! o terrivel problema!
Quando a sciencia chega aqui,
Ou emúdece ou blasphema
A lingua do bisturi:

E a Idéa mortiça e vaga
Expira dentro do craneo,
Como uma luz que se apaga
Nas trevas d'um subterraneo.

Para que a onda não torça
O rumo do couraçado,
Veste camisás de força
Ao mar — o grande alienado.

Os nevoeiros alvacentos
Corta-os com a luz dos faroes.
Publica regulamentos
Para o transito dos soes.

Faz poços artesianos
Sem vara sacerdotal,
E lança entre dois oceanos
Um cordão umbilical.

Faz esta cousa chimerica :
Londres, surgindo a alvorada,
Dizer : — Bons dias ! E a America
Responder logo : — Obrigada

E a Musa, vendo-se então
Sósinha na noite immensa
Entre um naufragio — a Rasão,
E um salva vidas — a Crença.

Procura, fugindo á morte,
O doce olhar de Jesus,
Como o iman procura o norte
E o cego procura a luz.

LIVRO PRIMEIRO

AS CREANÇAS

TRAGEDIA INFANTIL

I

ELLA

Dois irmãos : a pequenita
Tem quatro annos sómente;
É d'uma graça infinita,
D'um mimo surprehendente.

O seu corpo, que faria
O desespero de Phidias,
É leve como a alegria,
É doce como as orchidias.

Produzir um corpo tal,
Uma tão divina flôr,
Só o ventre maternal,
O estatuario do amor.

N'aquela bôca graciosa
Não poisa de certo a abelha,
Por saber que não ha rosa
Tão fresca, nem tão vermelha.

Seus grandes olhos, rasgados
Com limpidez infantil,
Parecem mesmo talhados
No azul das manhãs de abril.

Ha tempos, oh, maravilha!
Que precocidade aquela!
Nasce a Bebé uma filha
Já quasi da altura d'ella.

Quando a foram baptisar
Houve alegria estrondosa ;
Serviu um banco de altar,
Serviu de hyssope uma rosa.

Bebé levava o anjinho
Com maternal comoção ;
O pequeno foi padrinho,
Foi cura e foi sachristão.

Mimi — eis como se chama
Essa creança inocente :
Uma pequenina dama,
Que não tem cara de gente.

Oh, que exquesita pessoa !
Triste boneca aleijada !
Pois se Bebé fabricou-a
D'uns farrapitos, coitada !

Não tem pernas, não tem braços,
É uma creança infeliz;
No rosto deram-lhe uns traços
Com pretenções a nariz.

Não tem cabellos doirados,
Nem boca para comer;
Seus olhos sempre fechados
São de tinta de escrever.

No emtanto a Bebé, que a adora,
Parece-lhe um cherubim;
Acha-a linda como a aurora...
É mãe: as mães são assim!

Santa illusão! para ella
Que a anda a crear ao peito,
Não ha uma rosa tão bella,
Nem ha nada tão perfeito.

Que formosura !... que cinta !
A bôca vale um tesoiro ;
Os olhos — borrões de tinta —
São duas estrellas d'oiro !

É em toda a natureza
Aquillo que ella mais ama ;
Jantam sempre á mesma mesa,
E dormem na mesma cama.

Quando a filha está doentinha
Véla a mãe á cabeceira ;
Nunca achou uma rainha
Tão delicada enfermeira.

E que finura, que enredos,
Que geito particular,
Se os remedios são azedos
E custam muito a tomar !

Bebé, provando a tisana,
Dá com a lingua um estalo,
Murmurando, a vêr se a engana :
— Ai que docinho!... um regalo! —

Ás vezes é impertinente,
Rabujes, guinchos, maldades,
Não quer dormir, não consente
Que a vão deitar ás trindades;

Bebé com mil subtilezas
Diz-lhe então contos de fadas,
Onde ha reis, onde ha princezas,
Onde ha moiras encantadas.

E ao cabo d'alguns instantes
Bebé e a filha chorosa
Sonham com anjos, diamantes
E rebuçados de rosa!

II

ELLE

O pequerrucho, tres annos :
Não ha nada mais gracioso
Do que os seus gestos ufanos
E o seu andar orgulhoso,

Quando vae com a irmãsinha,
Como quem leva uma flor ;
Ella — a timida andorinha ;
Elle — o forte, o protector.

Ella encosta-se ao irmão
Com languidez e candura ;
Ao vêl-os, julgo que são
Dois noivos em miniatura.

A intrepidez do seu busto
Cheira ás frescuras do linho;
Alegre, loiro, robusto,
Como um pequeno leãosinho.

Não deixa parar em casa
Nada quieto em torno a si;
No riso vôa-lhe a aza
Ardente d'um colibri.

É o *vir*, o trabalhador
Que ora destroe, ora cria,
Feito de força e de amor,
De crueldade e harmonia.

Persegue as lesmas viscosas
Que dormem dentro das celas;
Desprega as folhas das rosas,
E faz navios com ellas.

Detesta officios tranquilos,
Ama o clangor das trombetas :
É o Atila dos grilos,
O Nemrod das borboletas.

Se acaso no tanque observa
A boiar, oh maravilha !
Um pau, um trapo, uma erva,
Emfim — um mundo, uma ilha,

Vae logo, bravo almirante,
Á conquista do inimigo
Com uma frota brilhante,
Feita d'um jornal antigo.

Guarda em dois cofres estreitos
Um magnifico rebanho
E um grande exercito, feitos
De meio arratel de estanho.

Ás vezes fórma em batalha
O seu exercito inteiro :
Rompe o clarim e a metralha
D'um krup de sabugueiro.

As fortalezas modernas
Cáem ali aos pedaços;
Ficam ginetes sem pernas
E granadeiros sem braços.

E á luz da batalha ardente
Elle o heroe imperturbavel,
Galopa soberbamente
N'uma vassoira indomavel !

Depois, já farto da guerra,
Despe a farda de soldado,
E rasga os seios da terra
Dentro d'um palmo quadrado.

III

OS DOIS

Uma vez todo ofegante
Andava pelo jardim,
Ruidoso como um gigante
E alegre como um clarim.

A erguer co'as mãos pequeninas
A obra do mundo inteiro:
Roma das sete collinas
Debaixo d'um jasmineiro.

Com lodo d'um charco immundo
E agulhas dos pinheiraes
Eleva ao azul profundo
As torres das cathedraes.

Acolá, d'um modo vago,
Marca o logar d'um kioske;
D'uma concha faz um lago,
E com tres ervas um bosque.

Arroja a locomotiva
Por essas campinas fóra;
Cáe-lhe o suor da fronte altiva,
Como o orvalho cáe da aurora.

Ergue palacios, basares,
Pontes, muralhas, viaductos.
As florestas seculares
Arranja-as em dois minutos.

Ora inventa, ora destróe,
É um architecto e um guerreiro;
Brilhante como um heroe
E sujo como um pedreiro.

Faz nas formigas destrôço,
Como os inglezes nos chins;
A Rhodes tira o colosso
E a Babilonia os jardins.

Lança o Pellion sobre o Ossa;
Põe lhe em cima um catavento;
Qualquer noz é uma carroça,
E qualquer mosca um jumento.

Nenhum obstaculo o affronta;
Não vacilla, não desmaia;
Com um lapis, já sem ponta,
Abre um tunel no Himalaia.

Alinha, mede, gradua
Vallados para sementes:
Os alviões e a charrua
São tres palitos dos dentes.

N'aquelle olhar que governa
Brilha o fulgor das espadas;
Deem-lhe a hydra de Lerna,
Que a vae matar... ás dentadas!

Com todas as qualidades
Da *menagère* exemplar,
Em quanto o irmão faz cidades,
Bebé prepara o jantar.

Dorme a boneca ao pé d'ella,
No berço. De quando em quando
Bebé escuma a panella,
Que está fervendo e cantando.

Mexe o guisado e a fritura,
Vê se levam sal bastante,
E sentando-se á costura
Com um ar meigo, radiante,

Emquanto a creança loira
Dorme o bom somno florido,
Co'a illusão d'uma tesoira
Talha a illusão d'um vestido.

Mas são horas; o irmãosito
Já deve de andar cançado
Das construcções de granito
E da rabiça do arado;

Mimi em poucos instantes
Acordará com certeza;
É necessario quanto antes
Ir pondo o jantar na mesa.

Vêde: que riqueza aquella,
Que Trimalcião infantil!
Ha na marca da baixella
A assignatura de Abril.

Nunca loiça tão preciosa
Vio mesas de embaixadores:
Os pratos — folhas de rosa,
E os copos — urnas de flôres.

Toda a opulencia excessiva
D'uma saturnal pagã:
Só para cada conviva
Quatro bagos de romã!

IV

O CRIME

No entanto o pequeno andava
Rubro como o sol dos tropicos;
No craneo ardia-lhe a lava
De mil projectos ciclopicos.

Sobre um rochedo improvisa
Uma torre entrincheirada,
Mais baixa do que a de Piza,
Mas muito mais inclinada.

Faltavam lhe inda nos mastros
As victoriosas bandeiras,
Desfraldadas pelos astros
Ao som das marchas guerreiras.

Procura com frenesi
Bandeiras por toda a parte.
— « E o vestido de Mimi ? ! »
Que esplendoroso estandarte !

«Mas que demonio ! Bebé
Desata logo a chorar !...
É o mesmo !...» E pé ante pé,
Como um ladrão, de vagar,

Chega-se ao leito, o selvagem!
Como ella dorme tranquilla!...
Sente remorsos... Coragem!
Tremem-lhe as pernas, vacilla...

Bem sabe o grande malvado
Que vae tornar-se um ladrão;
Mas se o vestido é encarnado,
E é novo... Que tentação!

Não resiste á maravilha;
Lança-lhe as mãos... N'esse instante
Acode Bebé, e pilha
O irmão em roubo flagrante.

Vendo as bandeiras perdidas,
Fica levado da bréca,
E a pontapés homicidas
Racha a cabeça á boneca.

Bebé, vendo a filha morta,
Soltou um grito estridente,
Como uma flecha que corta
O azul instantaneamente.

A familia corre afflicta,
Suppondo qualquer desgraça:
Ergue a mãe a pequenita;
Quasi o choro a despedaça.

—«Filha, que tens?... que agonia!...
«Tu cahiste?... Doe-te... Aonde?
«Valha-me a Virgem Maria!
«Que tens?!...» Bebé não responde.

Grita, rebenta, espolinha,
Já quasi que estrangulada;
A avó, a santa velhinha,
Promette-lhe marmelada;

Jura o pae que ha de *ensinal-a*,
Se não disser o que tem.
Mas é escusado; não falla,
Não obedece a ninguem.

Quer o pae dar-lhe um açoite;
Cobre-a o perdão com a aza.
Descem as sombras da noite...
Vão todos entrando em casa.

V

O REMORSO

E o pequeno — embezerrado,
Mudo, ficou no jardim,
Inerte como um forçado,
Sombrio como Cain,

Negros fantasmas chimericos
Davam hostis gargalhadas...
Via os lirios cadavericos,
E as rosas ensanguentadas!

Contemplavam-n'o os rochedos
Com sinistra indignação;
As folhas dos arvoredos
Gemiam baixo: — «Ladrão!»

— «Olha, vê o que fizeste!»
Disse o luar cristalino
Um mocho sobre um cypreste
Piava ao longe: — «Assassino!»

Com o olhar em furia aceso,
Ao verem crime tamanho,
Fitavam-n'o com desprezo
Os seus soldados de estanho.

E a seus pés, visão maldita!
Jazia a pobre insensivel,
Com os miolos de chita
Fóra do craneo... Era horrivel!

Ergueu a medo os destroços
Do sanguinolento drama.
Vinham juntas com os ossos
Tripas de algodão em rama!

Guardou dentro do chapéu
A hedionda carnificina;
E como caminha um réu
Que vae para a guilhotina

Entrou em casa, assombrado,
Livido, exangue, impotente.
Um gato sobre um telhado
Miava agoireiramente.

E no azul esplendoroso
Via-se a lua suspensa,
Como o disco monstruoso
D'uma palmatoria imensa!

VI

A DOENÇA DE BEBÉ

Despem-n'a em cima da cama,
E não a encontram magoada!
O pae quer bater-lhe, e exclama:
— É uma rabuge... mais nada!

Chora n'um doido estertor;
Que terá ella?... misterio!
Chamam á pressa um doutor;
Entra um doutor grave e serio.

Toma lhe o pulso, medita,
E com ar auctorisado :
«Pequena indigestãosita...
«Não é coisa de cuidado.»

E, receitando a tisana,
Foi-se embora a medicina.
Ás vezes a dôr humana
É herculea garra leonina,

Que se nos crava no peito.
Esmaga, rasga, esfacella...
E o corpo emfim cae desfeito,
Prostrado debaixo d'ella.

Assim a pobre creança,
Aniquilada e vencida,
No sono afinal descança,
Mais morta que adormecida,

VII

O SONHO DE BEBÉ

Bebé sonhava que a filha
Soltara o ultimo arranco.
Entre flocos de escumilha,
De rendas, de setim branco,

Dormia ao clarão dos cirios
No seu caixãosinho estreito,
Com as mãos brancas, de lirios,
Postas em cruz sobre o peito.

Tinha a bôca salpicada
De nodoas roxas e pretas...
Bôca côr d'alvorada,
Tornada côr das violetas!

Tinha o corpo macilento
Mais frio que a luz da lua...
Lá fóra gemia o vento,
E os cães uivavam na rua!

Bebé a um canto da sala
Jazia livida, exangue;
Seus labios não tinham falla,
Seus olhos choravam sangue.

Via a filha adormecida
No caixão, etherea e calma...
Morta!... a vida da sua vida!
Morta!... a alma da sua alma!

N'esses doirados cabellos
Não mais poria uma flôr!
Não mais tornaria a vel-os
Os seus cabellos... Senhor!

Os grandes olhos tranquillos,
Dois firmamentos, jámais!
Jámais tornaria a abril-os!...
Noite insondavel!... Jámais!

E se isto fosse mentira?!
Sim, foi!... foi tudo illusão...
Já move os labios... respira...
Oh, não está morta, não!

Mas, ai! os sinos dobrando!
Quem é que irão a enterrar?!
É ella!!... Já vêm entrando
Os padres que a vão levar!

Choram as velhas creadas
Beijando a filhinha morta;
Ha cirios pelas escadas,
E os pobres juntam se á porta

Deitaram-lhe a agua benta,
Vão já fechar-lhe o caixão...
A dôr lateja e rebenta
N'uma tremenda explosão!

Bebé, pallida, caminha
Com uma heroica firmeza,
Tombando sobre a filhinha,
Como um leão sobre a preza.

Seus tristes olhos sombrios
Choram, choram sem cessar:
Que importa que sejam rios,
Se tem dentro d'ella... o mar!

Suplica, blasfema, implora,
Quer morrer, quer ir com ella!...
Dá um grito e acorda; a aurora
Batia sobre a janella.

Olha, e vê junto de si,
Oh, surpreza verdadeira!
A ex-defunta Mimi,
Já com a cabeça inteira.

Exclama cheia d'espanto:
— Como é que isto succedeu?!
Salta o pequeno d'um canto,
E diz-lhe, rindo:
— Fui eu!

A ESCOLA PORTUGUEZA

Eis as creanças vermelhas
Na sua hedionda prisão :
Doirado enxame de abelhas !
O mestre-escola é o zangão.

Em duros bancos de pinho
Senta-se a turba sonora
Dos corpos feitos de arminho,
Das almas feitas d'aurora.

Soletram versos e prosas
Horriveis ; comtudo, ao lel-as,
D'aquellas bôcas de rosas
Saem murmurios de estrellas.

Contemplam de quando em quando,
E com que inveja, Senhor !
As andorinhas passando
Do azul no livre esplendor.

Oh, que existencia doirada
Lá cima, no azul, na gloria,
Sem cartilhas, sem taboada,
Sem mestre e sem palmatoria !

E como os dias são longos
N'estas prisões sepulcraes !
Abrem a bôca os ditongos,
E as cifras tristes dão ais !

Desgraçadas toutinegras,
Que insuportaveis martirios!
João Felix co'as unhas negras,
Mostrando as vogaes aos lirios!

Como querem que despontem
Os fructos na escola aldeã,
Se o nome do mestre é — Hontem
E o do discip'lo — Amanhã!

Como é que ha de na campina
Surgir o trigal maduro,
Se é o Passado quem ensina
O *b a ba* ao Futuro!

Entregar a um tarimbeiro
Um coração infantil!
Fazer o calvo Janeiro
Preceptor do loiro Abril!

Barbaridade irrisoria,
Estupido despotismo!
Meter uma palmatoria
Nas mãos d'um anacronismo!

A palmatoria, o açoite,
A estupidez decretada!
A lei incumbindo a Noite
Da educação da Alvorada!

Gravae na vossa lembrança,
E meditae com horror,
Que o homem sae da creança,
Como o fructo sae da flor.

Da pequenina semente,
Que a escola regia destroe,
Póde fazer-se egualmente
Ou o assassino ou o heroe.

D'esta escola a uma prisão
Vae um caminho agoireiro :
A escola produz o grão
De que a enxovia é o celleiro.

Deixem ver o sol doirado
A' infancia, eis o que eu vos peço.
Esta escola é um attentado,
Um roubo feito ao progresso.

Vamos, arrancae a infancia
Da lama d'este paul ;
Rasgae no muro Ignorancia
Trezentas portas de azul !

O professor azinino,
Segundo entre nós elle é,
D'um anjo extrae um *cretino*,
D'um *cretino* um chimpanzé.

Empunhando as rijas ferulas
Vós esmagaes e partis
As creanças — essas perolas
Na escola — esse almofariz.

Isto escolas!... que indecencia!
Escolas, esta farçada!
São açougues de inocencia,
São talhos d'anjos, mais nada.

LIVRO SEGUNDO

Á SOMBRA DAS ARVORES

VISITA Á FLORESTA

Que frescura meu Deus, e que deslumbramento !

Sancho Pança, vae pôr a albarda ao teu jumento,
E conduze-o depressa aqui para eu montar.
Embebeda-me o azul, o céu, a terra, o mar !
Descalcem-me o coturno heroico da epopeia.
Não sei que cotovia olimpica gorgeia
Dentro de mim ; não sei que hilaridade é esta !...
Satura-me o vigor profundo da floresta,
E debaixo do azul purissimo, sem nuvens,
Sinto-me trasbordar, como um titan de Rubens,

N'uma explosão de força atletica, purpurea !
Entra-me nos pulmões a latejar com furia
Este excesso de vida imensa que atordôa !...

....

Dae me um tyrso virente e uma merenda bôa,
Que me quero perder nas solidões da mata.
Leva-me tu, Virgilio, o burro pela arreata.

....

O' clareiras do bosque ! ó penumbras sagradas !...
Como o sol entra aqui a rir ás gargalhadas,
E como a natureza é virginal e é pura !
A alma se me esvae, fundida de ternura,
Em murmurios d'amor, em extasis de crente !...
Como isto moralisa e divinisa a gente !
Dá me vontade de ir subindo essas encostas,
Ajoelhando, a beijar a terra de mãos postas !
Eu quizera enroscar-me aos robles como a hera,
Ser perfume no lirio e ser vigor na féra,
Desfazer-me, diluir-me em luz, em ar, em côres,
Semearem-me e nascer todo o meu corpo em flores,
Com as aguias voar no oceano do infinito,

Ser tronco, ser reptil, ser musgo, ser granito,
De fórma que eu andasse, em atomos disperso,
No céu, no mar, na luz, na terra — no universo!. .

....

Entre este fecundar de seivas luxuriantes,
Entre a vida brutal das arvores gigantes
Levantando ao azul os pulsos seculares,
Entre as vegetações frescas de nenufares,
De catos, de jasmins, de silvas, de roseiras,
De serpentes em flor — isto é, de trepadeiras,
A crescer, a romper da terra funda, escura,
Debaixo d'esta rica egreja de verdura,
Trespassada da luz cruel do sol faminto,
O' Natureza, ó Terra, ó minha mãe! eu sinto,
Sinto bem que nasci do teu enorme flanco,
E que o homem e o tigre e o cedro e o lirio branco
São filhos a quem dás de mamar no teu seio
Eternamente bom e eternamente cheio!

IDILIO

Ah, que inefavel pureza!
Que candura imaculada!...
Dir-se-hia que a Natureza
Nasceu esta madrugada!...

A primavera opulenta,
Estremecendo d'amores,
Palpita, anceia, rebenta
Em cataclismos de flores.

Os velhos satyros nus
Correm atraz das bachantes...
A côr, o perfume e a luz
Dão saturnaes deslumbrantes.

O olhar d'oiro das boninas
Comtempla o azul; ao vel-as,
Dir-se-ia que nas campinas
Caíram chuvas de estrellas.

Entre as sebes orvalhadas
Dos rumorosos caminhos
As madresilvas doiradas
Tapam as bôcas dos ninhos.

Heras, roseiras, silvedos,
N'uma doida confusão,
Abraçam-se aos arvoredos
Como Dalila a Sansão.

Os negros melros farçantes
Dão rizadas zombeteiras
Dos loureiraes verdejantes
Nas luminosas trapeiras.

Com a estrella d'alva, Flora
Abriu os olhos ideaes;
Os seus pés da côr da aurora
Voam nus sobre os trigaes.

Eil-a a correr e a atirar
Co'as roseas mãos pequeninas
Borboletas para o ar,
Lilazes para as campinas.

Passa a rir pelas aldeias,
Beliscando os namorados,
E arremeçando ás mãos cheias
Os lirios pelos valados.

Calca com os pés aereos
A morte cheia de horrores,
Alastrando os cemiterios
D'uma inundação de flores.

Polvilha d'oiro e de prata
O campo, o bosque, o vergel ;
Aos seus labios de escarlata
Vae buscar a abelha o mel.

Seus peitos entumecidos
São dois montes feiticeiros,
Todos cobertos, floridos
Com selvas de jasmineiros.

*
* *

A terra produz o feto
Imenso do seu amor:
A larva dá-nos o insecto,
A campa dá-nos a flor.

Nas imundicias leprosas,
Nas podridões verde-negras
Ha frescas moitas de rosas
E ninhos de toutinegras.

Da terra mais corrompida
Rebenta a planta mais forte:
A raiz — bôca da Vida,
Mama nos peitos da Morte.

Os insectos deslumbrantes,
Inflamados como brazas,
São ametistas, diamantes,
São carbunculos com azas.

Uns feitos para a batalha,
Com a guerra por destino,
Puseram cotas de malha
De aço e bronze e d'oiro fino.

Outros, artistas mimosos,
Vestem librés refulgentes
Dos veludos mais preciosos,
Das rendas mais transparentes.

Não sei que orgia incorporea
Embebeda o pensamento...
A natureza é úma gloria;
O azul, um deslumbramento.

Tudo ri e brilha e canta
N'este divino esplendor:
O orvalho, o nectar da planta,
O aroma, a lingua da flor.

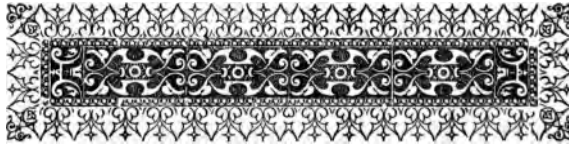
Enroscam-se aos troncos nus
As verdes cobras da hera.
Radiosos vinhos de luz
Scintillam pela atmosfera.

Entre os loureiros das matas,
Que crescem para os heroes,
Dá o luar serenatas
Com bandas de rouxinoes.

É a terra um paraiso.
E o céu profundo lampeja
Com o inefavel sorriso
Da noiva — ao sair da igreja.

E o homem — verme do asfalto,
Que traz Deus na consciencia,
O homem, que está no alto
Da montanha da existencia;

Que faz entre as harmonias
D'este esplendoroso assombro?

— Vae ouvir as cotovias,
Levando a espingarda ao hombro!

NO CEMITERIO

Como um burguez grave e serio,
Um bom burguez exemplar,
Fui-me até ao cemiterio
Hontem, depois do jantar.

A morte cheia de horrores
Na primavera é gentil:
Veste um vestido de flores
Do guarda roupa d'abril.

Toda aquella podridão
Das coisas mais asquerosas
Viera á supuração
Em lirios brancos e em rosas.

Entre as murtas, as caveiras
E os corpos esfacelados,
Andavam as costureiras
A rir com os namorados.

Que murmurios, que desejos
Em seus labios purpurinos!...
As covas davam bocejos,
Á espera dos inquilinos.

Na esplendorosa alegria
Das scintilações da luz
Até a caveira ria,
Como um bobo, aos pés da cruz.

Nos grandes mantos pomposos
Das estatuas dos heroes
Havia limos viscosos
Com tribus de caracoes.

As valas para as creanças
Serviam para dois fins:
Ou para enterrar creanças,
Ou para plantar jasmins.

*
* *

Caíra a noite serena.
Entre os sepulcros deitada
A morte, como uma hyena,
Abriu a bôca esfaimada.

O seu uivar agoireiro
Causava imensa tristeza...
Ergueu-se o velho coveiro
A pôr-lhe o jantar na mesa.

Á luz tremente dos cirios
Tombavam dentro das valas
As creanças côr dos lirios
E as virgens côr das opalas.

E os cyprestes soluçantes
Cortavam a escuridão,
Como fileiras gigantes
De pontos de exclamação!

CARTA

(a um amigo que me pediu versos)

Como hei de ser um Petrarcha,
Cantar como um rouxinol,
Se o meu termometro marca
Quarenta e dois graus ao sol!

Da lyra barbara e tosca
Nem sáem trovas d'Alfama.
Enxota o Pegaso a mosca,
E eu durmo a sésta na cama,

A hypocondria massiça
Conduzo-a, não ha remedio,
Na jumenta da preguiça
Pelas charnecas do tedio.

Eu trago a inspiração ôca,
Ando abatido, ando mono;
Meus versos abrem a bôca,
Como os porteiros, com somno.

Não tenho a rima imprevista,
Os guisos d'oiro e de opala,
Que á aza da estrofe o artista
Sublime prende ao largal-a.

P'ra lapidar á vontade
Um bello verso radiante,
Falta-me a tenacidade,
Que é como o pó do diamante.

A musa foi-se-me embora;
Para onde foi nem me lembro;
Só a torno a vêr agora
Lá para os fins de setembro.

Anda talvez nas florestas
Fazendo orgias pagans,
Entre os aromas das giestas
E os braços dos Egypans.

Deixal-a andar lá dois mezes
Colhendo imagens e flores,
Para espanto dos burguezes
E ruina dos editores.

Emfim, o calor achata-nos.
Vamos aos bosques pacificos
Onde os guardasoes — os platanos —
Têm forros novos, magnificos!

SEGUNDA CARTA

(a um amigo que continua a pedir-me versos)

Não peças mais versos, não!
Não faças com que eu me zangue;
A teta da inspiração
Ordenho-a... e já bota sangue.

Deixa-me estar socegado;
Eu a lucta abandonei-a;
Tive baixa de soldado,
E vim viver para a aldeia.

Levo a existencia pacata
Dos grandes bonacheirões;
E arrumei a um canto a lata
Com que eu fabrico os trovões.

Pedes-me estrofes purpureas!
Que coisas me pedes tu!
Guardei na gaveta as furias,
E os raios no meu bahu.

Falo aos burguezes das tendas,
Cumprimento a visinhança,
E arranjo ás vezes merendas
Nos bosques, com Sancho Pança.

Meninas sérias, esguias,
Dizem-me já com amor:
— Doutor, como vae? bons dias!
Tem feito versos, Doutor? —

Entrando eu não sei onde
Disse um banqueiro opulento :
— «Li nos jornaes, senhor conde,
Que este rapaz tem talento.» —

E um discreto conselheiro
Murmurou do seu logar :
«Quem é ? — É o Guerra Junqueiro. —
«Ah ! sim... já ouvi falar. —

A minha vida é a mesma
Que teve, dormindo ao sol,
Diogenes — essa lesma
Na pipa — esse caracol.

Deito-me ás ave-marias
Co'a consciencia regalada,
E tiro todos os dias
O meu chapéu á alvorada.

E emfim, nas ervas do prado,
Nas tenras ervas felizes
Rólo o corpo ensanguentado,
Coberto de cicatrizes.

E, farto de vêr abrolhos,
E de ter desasocegos,
Deixo pastar os meus olhos
No azul — como dois borregos.

*
* *

É possivel que isto mude;
Sim, é possivel talvez:
O genio é irmão da saude,
E eu tenho saude ha um mez.

Andar n'um trabalho eterno
Quebra o corpo mais viril;
Sae do descanço do inverno
Todo o murmurio d'abril.

Até Hercules descança:
Além anda n'este instante
A rir como uma creança
Na encosta, esse bom gigante.

Olha: deitou-se ao comprido
Nas frescas hervas mimosas.
Junto d'elle anda cupido
Contando historias ás rosas.

E emquanto o gigante dorme
Entre as roseiras vermelhas,
E vem no seu corpo enorme
Poisar sem medo as abelhas,

Na clava grosseira e bruta
Que a tronco enorme equivale,
Cupido co'a mão astuta,
Sorrindo, escreveu — *Omphale.*

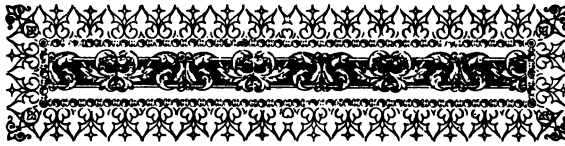
E, apesar da inscripção terna,
Co'a mesma clava, no entanto,
Matará a hidra de Lerna
E o javali de Erymantho.

Precisa depois do outono
Repouso a terra mais forte.
Eu creio que este meu somno
Não é ainda o da morte.

Dormir faz bem ás canceiras
Dos grandes trabalhadores ;
Quem é que viu amendoeiras
Sempre cobertas de flores ?

Além vae o deus romantico,
Já murchos os seus laureis,
Á grande pia do Atlantico
Dar de beber aos corceis.

Pobres corceis! vão de rastros,
Retalhados pelo açoite,
Comer a aveia dos astros
Nas manjedoiras da noite.

Mas ámanhã romperão
De novo do sorvedoiro,
Illuminando a amplidão
No azul — com crinas de oiro!

CONVALESCENÇA

Ó verde bosque tranquilo,
Ó natureza ridente,
Venho pedir-te um asilo,
Um quarto para um doente.

Chego morto de cançaço,
Triste como um lord inglez ;
Poz-me o Terreiro do Paço
No estado em que tu me vês.

O meu espirito anda
Como nem tu imaginas...
Lisboa, é verdade, manda
Recados para as boninas.

Eu venho cheio de magua,
Venho triste, ó meus amores,
Como uma fonte sem agua,
Como uma jarra sem flores.

Esta frescura remóça
As anemias do asfalto.
Olha um melro a fazer troça,
Brejeiro, ao meu chapéu alto!

A floresta não precisa
As etiquetas das valsas:
As nimfas não têm camisa,
E os faunos não usam calças.

Silenos gordos e calvos,
A rir com um riso estranho,
Espreitam os corpos alvos
Das loiras nimfas no banho.

Um d'elles, que traz moletas,
E a quem já falta um chavelho,
Segreda coisas facetas
Que têm pimentão vermelho.

Os faunos adolescentes,
Ouvindo pilherias taes,
Abraçam-se, que indecentes!
Aos troncos dos salgueiraes!..

E um loiro silenosinho,
Guloso de bons segredos,
Dilata o roseo focinho.
A rir, e a morder nos dedos...

Rosas, lirios, mocidade,
Abri-vos, cantae agora !
Dê salvas de hilaridade
O rubro canhão da aurora !

Que além vem graciosa e nua
Venus : Que esplendido seio !
São dois requeijões de lua
Com dois morangos no meio !...

*

* *

Deixemos por um instante
As coisas graves e serias ;
Declaro-me um estudante
Com quinze dias de ferias.

Ando dispeptico, exangue,
Para as veias esfalfadas
Quera a transfusão do sangue
Ridente das madrugadas.

Despindo a guerreira farda,
A farda dos generaes,
Licenceio a velha guarda
Das minhas odes marciaes.

Doidas estrofes leoninas,
Amasonas impetuosas,
Carregae-me essas clavinas
De aurora e botões de rosas.

Carnificinas, deixal-as.
Hoje as hostes inimigas,
Em vez de as matar com balas,
Pical-as-hei com ortigas.

Vamos ! riam, contem casos
Alegres, bons, maganões ;
E dos elmos façam vasos
Para pôr manjericões.

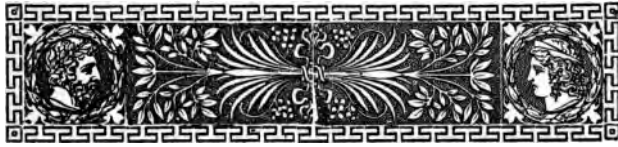
Deixem os ultramontanos
Nas suas negras roupetas ;
Depois de caçar tiranos
Vamos caçar borboletas.

Tóca a fazer um idilio
Á sombra d'um castanheiro.
Desçam dos corceis ; Virgilio
Que os vá deitar ao lameiro.

Pendurem as velhas lanças
Nos troncos dos salgueiraes,
E riam como as creanças,
Ou como os melros joviaes.

Entre os aromas dos buxos
Eu quero que os meus soldados,
Em vez de morder cartuxos,
Mordam pecegos doirados.

Encravem-me em dois minutos
Esses canhões assassinos
De bombardear os redutos
Com bombas de alexandrinos.

E emfim, largando as espadas,
Com toda a furia guerreira
Levem-me, entre gargalhadas,
D'assalto — uma cerejeira!

MANHÃ DE ABRIL

Que esplendor! A cotovia
Canta na amplidão sonora;
Lancemos esta anemia
Aos risos fulvos da aurora!

Sim a aurora purifica;
Nada tem virtude igual:
Nem as drogas da botica,
Nem os sermões de moral.

Eu sinto o meu corpo exangue,
Cheio de tedio, febril;
Vou dar-lhe banhos no sangue
Das madrugadas d'abril;

Vamos encher, Mocidade,
C'roados de mirto e hera,
O tarro da hilaridade
Nos peitos da primavera!

Tambem causam somnolencia
Os livros dos grandes mestres;
Eu hoje aos fructos da sciencia
Prefiro amoras silvestres.

Nos livros ha muita asneira,
Nos campos muita rasão:
Caíu d'uma laranjeira
A lei da gravitação.

Viva a loucura ! Minerva,
Ergue um pouco os teus vestidos
E vem rolar sobre a herva
Dos bellos campos floridos !

Toda a manhã, que martirio !
Tem andado alem defronte
Um melro a ensinar a um lirio
Os versos de Anacreonte.

Vamos por essas campinas,
Essas encostas frondosas !
Juvenal, canta as boninas !
Proudhon, faz versos ás rosas !

Eu sinto-me hoje creança,
Com propensões ao idilio...
Anda d'ahi, Sancho Pança,
Dá cá o braço, Virgilio !

Vamos fazer a Hipocrene
Um almoço e um madrigal:
Para servir Lafontaine,
Ó musas, ponde o avental!

A mesa não será farta
Como a dos grandes Mecenas:
O almoço virá de Esparta
E os convidados de Athenas.

Hão de vir em carros d'oiro
As deusas do azul pagão,
E Baccho em cima d'um toiro
Trazendo um odre na mão,

Já lá vem saindo Venus
D'entre as espumas radiantes...
Hão de tocar os Silenos
Nas banzas dos estudantes.

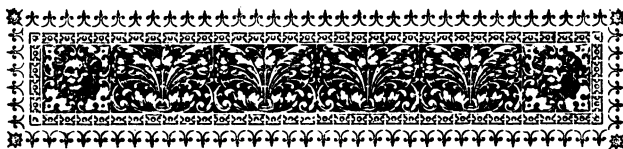
E, apesar da saia curta
E os olhos de Phriné,
Pódes vir, ninguem te furta
O teu paletot, José.

Que luminosos chavelhos
Além por entre os rosaes !
São os satiros vermelhos
Cortando as frautas joviaes.

Bem ; esta orgia doirada
Vamos fazel-a na horta
D'aquella tasca da estrada,
Com castanheiros á porta.

A filha do taberneiro
É loira como as madonas.
Convivas — o olimpo inteiro ;
Menu da orgia — azeitonas.

Entre as sebes orvalhadas
Vae passando a turba aldeã :
Brilha o aço das enxadas
Na rosea luz da manhã.

E nos luminosos prados
Do azul divino, olimpiaco,
Pasta entre fenos doirados
Taurus — o boi do zodiaco !

MORENA

Não negues, confessa
Que tens certa pena
Que as mais raparigas
Te chamem morena.

Pois eu não gostava,
Parece-me a mim.
De vêr o teu rosto
Da côr do jasmim.

Eu não... mas emfim
É fraca a rasão,
Pois pouco te importa
Que eu goste ou que não.

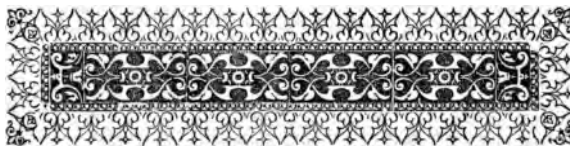
Mas olha as violetas
Que, sendo umas pretas,
O cheiro que têm!
Vê lá que seria,
Se Deus as fizesse
Morenas tambem!

Tu és a mais rara
De todas as rosas;
E as coisas mais raras
São mais preciosas.

Ha rosas dobradas
E ha-as singelas;
Mas são todas ellas
Azues, amarellas,

De côr de açucenas,
De muita outra côr;
Mas, rosas morenas,
Só tu, linda flôr.

E olha que foram
Morenas e bem
As moças mais lindas
De Jerusalem.
E a virgem Maria
Não sei... mas seria
Morena tambem.

Moreno era Christo.
Vê lá depois d'isto
Se ainda tens pena
Que as mais raparigas
Te chamem morena!

DIVAN

Quando ás vezes repouso, em horas de descanço,
N'um enorme divan de flacido espaldar,
Minh'alma dilatada embebe-se de manso
Em largas vibraçõas de luz crepuscular.

Assim sobre o regaço electrico, fremente,
D'uma mulher gentil, no dia mais calmoso,
Dormita sensual, — morno pachá do Oriente —
Um gato luzidio, electrico, nervoso.

RENASCIMENTO

Sinto-me reviver extraordinariamente.
Rebentou outra vez a limpida nascente
Da alegria, do amor, da fé, da juventude.
Primavera do corpo esplendida — saude,
Eis te de novo a rir com doidas gargalhadas,
Que acordam no seu ninho as aves encantadas
Da rica phantasia aerea dos artistas:
Ardentes colibris, roxos como ametistas,
Cotovias do azul, que na amplidão sonora
Em fusos de cristal fiam a luz da aurora,
Pombas — flocos de neve, em bandos pelo ar,

Rouxinoes traduzindo em musica o luar,
Toutinegras de luz, milhões d'aves em summa,
Desde o alcyon levado entre as ondas de espuma,
Desde os melros joviaes, *gavroches* salteadores,
Offenbachs de abril, sempre comendo flôres,
Assobiando e trazendo o luto mais sombrio,
Como um bohemio feliz que ha pouco herdou d'um tio;
Até á aguia negra, indomita, serena,
Que só nos Pyrineus e só em Santa Helena
Faz o ninho, e que vae pelo horisonte fóra,
Co'as azas côr da noite e os olhos côr da aurora,
Transpondo em pleno azul, esbraseado, intenso,
Com um vôo pequeno um oceano imenso.

. ...

Eu ia pouco a pouco e silenciosamente
Mergulhando, que horror! na treva inconsciente,
Na mudez sepulchral da velha noite escura
Que começa no tedio e acaba na loucura,
E onde as almas sem luz, como os espelhos baços,
Inertes, tendo medo até dos proprios passos
Julgam ouvir n'aquella enorme escuridão
Um martelo a bater nas taboas d'um caixão.

Eu sentia, oh! sentia hediondamente bem
Que estava dentro em mim para morrer alguem!
E esse alguem era a Esp'rança, a bella flôr mimosa
Virgem de tranças de oiro e labios côr de rosa
Cantando eternamente a canção da alegria,
E que eu supunha já inanimada e fria,
Morta, da palidez tristissima dos goivos,
Deixando-me ficar como ficam os noivos
Cuja amante morreu no dia do noivado!
Era a Esperança, meu Deus, que eu tinha imaginado
Que m'a iam levar já morta para a cova,
E que hoje, ó Deus do ceu, como uma vinha nova,
Faz explosão, rebenta em braços verdejantes,
Em soberbos festões, doidos como estudantes,
Que se torcem no chão, a rir, na luz sonora,
Sob o peso jovial dos cachos côr da aurora!

Viva Deus! eu já sinto ao clarão das manhãs
Abrir-se-me a alegria, assim como as romãs.
Renasce-me o vigor das madrugadas d'oiro.
Sinto dentro de mim, co'a violencia d'um toiro,

O genio que fermenta, e que espuma, e se entorna,
Como um vinho robusto a ferver n'uma dorna..
A tristeza fugiu de todo do meu craneo,
Como ao clarão da luz fogem d'um subterraneo
Os morcegos. Revivo. A graça juvenil,
Que é no homem saude, e que é na terra abril,
Saíu da doença escura e triste que vae longe,
Como um pagem a rir sae do capuz d'um monge.
Ando bom, ando leve, assim como uma corça.
Renasce-me o apetite, a exuberancia, a força,
Para morder, comer com sofregas dentadas
Esse fructo que deita um suco de alvoradas,
—A existencia, o bom fructo apetecido, eterno,
Que é vermelho em abril, e cae no chão no inverno.

Trago a imaginação como uma rica sala
Radiante, illuminada a fogos de bengala,
Onde ha deuses e reis e monstros e silenos,
Onde ha bobos fazendo um cumprimento a Venus,
Onde a lua suspira, e onde Jupiter dança
Tendo ao peito a gran-cruz do arco da Alliança.

E' uma orgia pagã onde os loiros cantores
Com tunicas de linho e grinaldas de flôres
Cantam a juventude, a formosura, a graça,
A vida, o sol, o amor — essa estrela que passa
E que é eterna — emfim tudo que brilha e canta,
Venus — sendo a mulher, e rosa — sendo a planta.
Dá-me vontade de ir correr pelos caminhos,
Entre a orchestra da luz e os madrigaes dos ninhos,
Roubar ao velho Pan por um momento a flauta,
Com os melros fazer uma merenda lauta,
Perseguir, abraçar pela cintura as driades,
Sorrir como Virgilio e rir como Alcibiades,
Adorar como um indio a clara luz do dia,
E celebrar emfim o *te-deum* da alegria,
Revestindo uma opa imensa de violetas,
Sendo Homero a lançar o vinho nas galhetas.
E depois d'isso então, ó deuses, eu quizera,
Já bebado d'azul, d'amor, de primavera,
Morder nos sinceiraes, como os pardaes nos milhos,
E rolar-me, espojar-me assim como os novilhos
Na relva virginal, fresca, primaveril,
Ensopada na luz d'uma manhã d'abril!

NA PRAIA

Eu gosto de te vêr na languidez herculea
Vasto, piedoso, humano,
Com a tua immortal dalmatica cerulea,
O' velho Padre-Oceano!

Eu gosto de te vêr no teu repoiso infindo,
O' mar tonitroante,
Quando na areia d'oiro as creancitas rindo
Cospem em ti, gigante!

Na tua virgindade amarga a podridão
Hedionda não consentes;
E a terra está em ti guardada, como estão
Em alcool as serpentes.

Do teu ventre emergiu, alva como as chimeras
A Amphitrite pagã;
E os teus tigres reaes, as tuas proprias feras
Sabem dizer : — *mamã !*

GRUPO ANTIGO

Ha em frente ao meu quarto um roble,—uma floresta
N'um tronco só. Podia ali dormir a sesta
Á sombra Adamastor. Uma vide gigante
(A vide era a serpente e o roble era o elefante)
Enroscou-lhe, atirou-lhe os seus braços violentos,
E subindo e trepando a todos os momentos,
Um seculo gastou para ao alto chegar.
O roble enche um celleiro e a vide enche um lagar
E a vide de tal forma o carrega, o inunda
Co'a riqueza brutal, co'a fartura jocunda
Dos festões de verdura opipara e frondosa,

Que eu nas aureas manhãs de Março, côr de rosa,
Julgo por entre o sol e as nevoas ligeiras
Ver Hercules a rir com Bacho ás cavalleiras!

NAS VARETAS D'UM LEQUE

No Eden uma vez, era de madrugada,
Zumbia n'uma rosa uma vespa doirada.

Satanaz, como sae da concha um caracol,
Tenebroso e escorrendo em purpuras de sol,
Sahiu alegremente a rir d'entre o arvoredo,
Chegou ao pé de Deus e disse-lhe um segredo,
Em voz baixa, ao ouvido.
Isto foi na manhã
Em que Eva devorou a celebre maçã.
E Deus disse ao Demonio :

— O' brejeiro, é preciso
Dar armas á mulher para que o homem peque... —

E Jehovah da rosa então fez um sorriso,
E das azas da vespa o Diabo fez-lhe um leque.

LIVRO TERCEIRO

COMBATES

O CRIME

(A proposito do assassinato do alferes Brito)

AO SR. BARJONA DE FREITAS

I

Que nos cumpre fazer?

Depressa! mandem pôr

Dragonas de commando ao general Terror.

Salve-se a independencia ! erga-se a disciplina !
Ordem, corre a pedir auxilio á guilhotina :
Abracem se um ao outro, a patria assim o quer,
O jumento Proudhome e o tigre Lacenaire.
Nada de compaixão ! o risco é grande, é enorme.
Mêdo, vae despertar o executor que dorme.
Violencia, vae chamar o teu irmão Assombro.
O coveiro que ponha a sua enxada ao hombro,
E o padre que appareça e traga o seu missal.
Agora ide agarrar ao antro esse animal ;
Acorrentae-lhe as mãos, que fique bem seguro,
Amordaçae-o bem, colae-o contra um muro...
Vem rompendo a manhã... Vamos ! formar em alas !
Prompto ; descarregar !

Trinta ou quarenta balas,
Vararam-no e caiu por terra em convulsões...
....
....
Subiram de repente as nossas inscripções.

A honra ficou branca, a ordem ficou pura,
A industria prosperou, floriu a agricultura,
Estreitou-se a união da c'rôa e dos vassalos,
O ditoso burguez foi aparar os calos,
E abençoada seja a execução da lei!

II

Não exploro a piedade; a victima, bem sei,
Era um bravo rapaz na flôr da juventude,
E é doloroso ver dentro d'um ataúde
Um corpo juvenil, ensaguentado e frio.
E o criminoso? olhae: mudo, feroz, sombrio...
Causam menos horror os olhos d'um chacal:
O tigre é o seu irmão; o abutre é o seu egual.
Aquella alma hedionda é um negro labirinto:
No fundo d'essa noite ha a caverna instincto,

E lá dentro as paixões, os odios, as vinganças.
Hoje riem-se d'elle as timidas creanças.
Esse monstro cruel dorme n'uma enxovia ;
E a lei, deitada a um canto, inexoravel, fria,
Como um velho mastim silencioso, espera.
A violencia reclama a execução da fera.
Qual o nosso dever ? guilhotinal-o ?
Não.

III

Liga-se á idéa crime a idéa expiação.
Expiação é o remorso. A consciencia tem
Castigo para o mal e premio para o bem.
Dentro d'ella reside o jury universal.
Um facinora evita o codigo penal,

Evitam-se as galés, evita-se a prisão,
Mas não póde evitar-se este imortal clarão
Da nossa consciencia, alampada sagrada.

Pegae n'um criminoso, um salteador de estrada;
Assassinou, matou; é um bandoleiro infrene:
Comtudo, não ha prova alguma que o condemne;
Quem é que o viu roubar, apunhalar? ninguem.
Não ha uma suspeita unica. Pois bem:
Ficará livre? não: A consciencia diz
A este homem:

—Eu sou ao mesmo tempo o juiz
E a prova; eu sou a lei e sou a accusação.
O suborno, acredita, é impossivel; então
Escusas de mentir e escusas de negar.
Procuraste, é verdade, um optimo logar
A' beira d'um caminho; a noite era sombria;
Testemunhas, nenhuma; o vendaval gemia

Com soluços brutaes nas rochas, no arvoredo...
E tu disseste : «Bem ; ha de guardar segredo
A treva...» N'esse instante a victima passára ;
Ergueste-te do chão, pozeste a arma á cara
E desfechaste : ouviu-se um grito e nada mais...
A victima cahiu banhada em sangue ; os ais
Foram morrendo... Prompto ! A estrada era deserta ;
Testemunha, ninguem ; impunidade certa.
Magnifico ! pozeste a tua arma ao hombro
E começaste a andar. Mas uma voz (assombro
Horrivel !) uma voz de timbre diamantino
Chegou-se ao pé de ti e disse-te : «Assassino !»
E tu ficaste a olhar, mudo, transido, absorto.
Quem é que estava ali ? quem te falava ? o morto,
Impossivel... Talvez uma ilusão, mais nada...
Coragem ! caminhaste em direcção á estrada,
Ao sitio onde caiu por terra o viandante ;
E, depois de o roubar, fugiste ; e n'esse instante
Inda outra vez, horror ! n'aquella escuridão
Ouviu-se a mesma voz, e disse-te : «Ladrão !»

E olhando em torno a ti surgiu-te de repente
Alguem que te fitou inexoravelmente
Com um olhar cruel, recto, sereno, agudo.
Esse alguem era eu — a consciencia ! Tudo
Aquillo que pensaste e aquillo que fizeste
Sem testemunha, ali quasi n'um ermo agreste,
Escondido na treva, occulto pelo mato,
— Hora, noite, logar, o roubo, o assassinato,
Oh, tudo, tudo eu vi perfeitamente bem !
Tinhas dentro de ti um espião ; ninguem
Póde evital-o, crê. Ficaste mudo e quedo ;
Com a arma na mão, covarde, tinhas medo
Do impalpavel. Então uma criança inerme
Podia-te esmagar como se esmaga um verme,
Podia te bater, podia-te insultar
Sem resistencia alguma : a luz do meu olhar
Varava-te ; era o sapo em frente da doninha.
E eu peguei-te no braço e disse-te «caminha !»
E começaste a andar involuntariamente
Não dizias palavra ; ás vezes de repente

Olhavas de soslaio e vias-me na treva ;
Continuavas a andar assim como quem leva
Ou um lobo ou um crime atraz, a perseguil-o.
Tu não podias vêr o meu olhar tranquilo.
Desataste a fugir correndo alucinado
Pelo monte ; paraste, e viste-me a teu lado.
Quizeste-me cansar : foste galgando muros,
Penetraste a tremer nos antros mais escuros,
Ensanguentaste as mãos, dilaceraste as pernas,
E eu entrava comtigo as bôcas das cavernas,
Trepava como tu ás rochas mais esguias,
Cortava os vendavaes, corria se corrias,
E se paravas tu, parava eu. Emfim
Não tinhas salvação possivel. Para mim
Não existe fadiga e não existe somno ;
Eu ía como vae o cão atraz do dono
E o corpo atraz da sombra. Aniquilado então
Caiste sobre a terra, e disseste :

«Perdão

«Consciencia, minha amiga, a luz do teu olhar
«Atormenta me; vae-te e deixa-me ficar
«Em paz. Serei um tigre, um monstro, uma panthera,
«Mas deixa-me, eu odeio a tua face austera
«Que me incomoda muito. O que te custa? Parte!
«E's boa rapariga, e quero inda abraçar-te
«Talvez quando estiver para morrer; agora
«O que te peço, filha, é que te vás embora
«E que sejas feliz por muito tempo... Adeus!
«Não me tornes a olhar! a luz dos olhos teus
«Gela como o terror, corta como os punhaes!
«Quando me deixas? fala! E eu respondi: — jámais!—
«Ah não me deixas? bem; é o mesmo, viverei
«Na tua companhia alegremente; eu sei
«Que tu és virtuosa, incorruptivel, pura,
«Mas a victima emfim creio que está segura,
«Não receio portanto as grades da cadeia.
«Sou muito novo ainda e tenho a bolsa cheia;
«Vamos gosar! Consciencia, a vida é uma batalha:
«O homem que menos ganha é o que mais trabalha.

«O direito pertence ao mais rico e ao mais forte,
«Pouco vale afirmar que inda depois da morte
«Ha um mundo melhor e uma existencia nova;
«E' um sonho de creança, uma ilusão sem prova.
«Antes de adormecer deitados sob as loisas.
«Façamos por gosar todas as grandes coisas
«Da realidade. Eu era um cavador; a enxada
«E' triste; ergue-se a gente ao ser da madrugada,
«Para ganhar o pão com o suor do rosto;
«Andar ao vento, ao frio, á chuva, ao sol d'agosto,
«E viver na indigencia, esfarrapado... Não;
«E' melhor ser bandido e é melhor ser ladrão.
«Cala-te consciencia!... Eu quero de hoje em diante
«Viver em boa paz comtigo; minha amante,
«Sou rico, hei de te dar tudo o que quizeres:
«Teremos vinho bom, e ceias e mulheres,
«E mesa sempre farta e bolsa sempre quente:
«Não ha vida melhor, nem mais independente.
«E' a vida d'um rei. Comer sem trabalhar!
«Deitarmo-nos ao sol de pança para o ar,

«Na cosinha em janeiro a boa carne e o fogo,
«E depois a taberna e na taberna o jogo,
«— O paraiso, em summa. E tu pelo teu lado
«Empregarás decerto o maximo cuidado
«Em nunca me tocar n'esta sombria historia...
«Encheremos com treva os fossos da memoria,
«Como um antro onde existe um crime silencioso...»

A aurora desfraldara o pavilhão radioso
No firmamento azul. Tu foste pela estrada
Cantando uma canção alegre e debochada,
Como um ebrio que sae á noite da espelunca.
O meu olhar hostil não te largava nunca;
Trespassava-te a alma assim como um punhal.
E soltando um rugido estupido, brutal,
Exclamaste: «Pois bem! hei de afogar-te em vinho!»
E entrando na taberna á beira do caminho
Enguliste d'um trago um copo d'aguardente.
Em vão! o meu olhar inexoravelmente

Ardia como a luz por entre a nevoa escura.
Bebeste até cahir na noite da loucura,
Nas surdas espiraes dos mornos pesadelos.
Eu agarrei em ti preso pelos cabelos
E levei-te de rasto, allucinado, exangue,
Mesmo ao sitio do crime. Havia um mar de sangue
E um mar de escuridão. Ao ver-te aproximar
O morto silencioso ergueu-se de vagar
E começou a rir. Falavam em segredo
Na treva os espiões. Os braços do arvoredo
Apontavam-te. E a face escura da montanha
Olhava para ti d'uma maneira estranha...
Contorcias-te em balde em convulsões mortaes;
Bradavas, e a tua voz — gritos, gemidos, ais —
Morria na amplidão caliginosa e tragica.
A noite do remorso é uma lanterna magica
Cheia de aparições febris, ensanguentadas.
O morto continuava a rir ás gargalhadas.
Caía sobre ti, dura como o granito,
A terrivel mudez opaca do infinito,

Tentando um grande esforço herculeo, sobrehumano,
Despertaste; e ao sair do turbilhão insano
Viste-me junto a ti como me vês agora.
Nunca mais te larguei desde esse tempo. Embora
Tu procures o vinho, o esquecimento, a orgia,
Na maior embriaguez, na noite mais sombria
Eu vejo claramente o sangue da innocencia.
E' como o olhar d'um tigre o olhar da consciencia. —

IV

E' este o julgamento e é este o tribunal.
Reside dentro em nós toda a sancção penal:
E' o crime e o remorso, a causa com o effeito.
A sociedade tem um unico direito:
Exigir do assassino uma reparação;
Eduquem-no: é meter a escola na prisão.

Transformem esse monstro em ser inteligente.
Façam-no livre; isto é, façam-no consciente.
Consciencia quer dizer responsabilidade;
Um assassino verga os ferros d'uma grade,
Mas não póde vergar a consciencia austera.
Introduzi a luz no craneo d'essa fera.
O instincto é uma toupeira escura que não vê,
Em logar de grilheta a carta do a b c,
E em logar da enxovia imunda uma oficina.
E' como se castiga um homem que assassina:
Tornando-o bom. Depois a sua consciencia
Lhe dirá:

«Derramando o sangue da inocencia,
«Matando o teu egual, matando o teu irmão,
«Fizeste desandar a civilisação
«Dois passos para traz. Violaste as leis moraes,
«Encheste de vergonha o nome de teus paes
«E cubriste de luto uma familia inteira.
«A fera é menos vil e é menos carniceira.

«Existe para ti unicamente a aurora
«Da contricção. Roubaste uma existencia; agora
«Precisas salvar dez. Caminha ao vento e á chuva;
«Socorre o nú, ajuda o fraco, ampara a viuva.
«Onde a miseria esteja, ahi deves estar.
«Ha um naufrago em risco? é atirar-te ao mar.
«Vês um homem no chão a combater? defende-o.
«Ha alguem que agonise entre os clarões do incendio?
«Não tenhas medo, vae por entre o fumo e as brazas;
«A coragem é leve, e a abnegação tem azas.
«Pertences d'hoje em diante ao sacrificio, á dôr.
«Para salvar alguem, seja esse alguem quem for,
«Vence tudo; suprime as horas e as distancias.
«Ha guerra? o teu logar está nas ambulancias.
«Ha uma inundação, ha uma epidemia?
«Quero-te ver a ti velando noite e dia
«Ao pé do moribundo: é como se destroe
«O crime; o salteador mata-se com o heroe.
«A virtude contém a purificação
«Do assassino; o diamante é feito do carvão.

«Do abismo rompe a flôr, das trevas a manhã:
«N'um ladrão póde haver um santo — João Valjean.
«Banhaste-te no sangue? é afogar-te em luz.
«Depois de ser Cain, precisas ser Jesus.»

V

E a isto respondeis: — Declamações, theorias!
Coisas sentimentaes para fazer poesias,
Tropos para excitar os nervos das mulheres!
Eis o caso: um soldado assassinou o alferes;
Ha uma lei que castiga o crime: é aplical-a;
Fecha-se esta questão com este ponto — a bala.
É horroroso, é atroz, é barbaro, é cruel.
Mas para dominar as tropas n'um quartel,
Para manter illesa e rija a disciplina,
Necessita falar a boca da clavina

De quando em quando. O mais é tudo uma illusão...
E' preciso encarar as coisas como são
Na realidade. O povo é a creança eterna;
Quem lhe bate melhor é quem melhor governa.
A justiça estará talvez do vosso lado;
Mas primeiro que tudo a salvação do Estado.
Acima do direito e acima da verdade
Ha um deus que se chama o deus Necessidade.
Nós tambem temos odio ás forcas e ao verdugo,
Tambem lemos Proudhon e lemos Victor Hugo,
Mas quando chega a crise, então n'esse momento
Não nos salva Proudhon, salva-nos Joaquim Bento.
A sociedade está desfeita e gangrenada;
Fernandes quer quebrar a vingadora espada;
O exercito murmura; o capital reclama;
Um atrito qualquer faz levantar a chama...
Salvemos a moral, a realeza, o templo,
Vamos! um grande crime exige um grande exemplo! —

Mas qual é, respondei, o exemplo? assassinar?
Muito bem; n'esse caso o exemplo que ides dar
Já elle o deu primeiro, o criminoso; então
Elle é o original e vós a imitação.
Comtudo entre vós dois ha ainda esta diff'rença;
Que elle é uma paixão e vós uma sentença.
Vós mataes sem rancor, inexoravelmente;
Vós sois o punhal frio, elle o punhal ardente.
Vós tendes a consciencia inteira do assassinio;
Elle é uma panthera e vós um raciocinio.
Prefiro á lei da morte o bandoleiro atroz:
E' o menos cruel por ser o mais feroz.
Se o crime causa medo, a lei produz horror:
E' como que um juiz dentro d'um salteador,
E' a concentração diabolica do mal:
A fera redigida em codigo penal.
Hediondo! assassinar um homem que assassina!
Colocar o direito ao pé da guilhotina.
Resolver a questão do crime um cemiterio!
Sanccionar Papavoine e decretar Tiberio!

Um carrasco de guarda á nossa segurança!
O pelotão-juiz e o tribunal-vingança!
E é uma coisa que indigna, um facto que comove,
Que quasi ao terminar do seculo dezenove
Pensem como Marat, pensem como Cain
As leis no velho mundo e o tigre em Bombaim!

VI

Se acaso pretendeis sinceramente dar
Uma grande lição austera e salutar,
Um exemplo viril e bom que frutifique,
Um exemplo que seja uma barreira, um dique
Ao cancro que nos mata. ás lepras que nos mordem,
A' fome, á estupidez, aos vicios, á desordem,
— Então olhae; é este o exemplo immaculado:

Revogae a ignorancia, a velha lei do Estado.

Acendem-se na rua á noite os candieiros,
Coloca-se um gendarme á porta dos banqueiros,
A policia fareja os becos e as vielas,
Dobram-se as precauções, dobram-se as sentinellas,
E apesar d'isto tudo ha feras pela rua,
O vicio não acaba, o roubo continua,
E é cada vez mais a criminalidade.
Pois bem; iluminae por dentro a sociedade:
Ponde o trabalho e a honra onde estiver a esmola.
Uni o amor ao berço e uni o berço á escola.
Acendei uma luz em cada coração.
Dae terra ao camponez que emigra; a emigração
E', como em Portugal presentemente a vejo,
Um esgoto da fome, um cano de despejo
Da miseria. Aboli dois grandes sorvedoiros:
Cadeias-tremedaes e hospicios-matadoiros.
Forjae da redempção a explendida alvorada;
Libertae a oficina e libertae a enxada.
Fazei o bem, fazei a paz, fazei a gloria.
Proclamae a instrucção gratuita obrigatoria;

Ter direito á ignorancia é ter direito ao mal
Alevantae o povo ao nivel da moral;
A escola é para isso a unica alavanca.
Vamos! emancipae a escravatura branca.
E depois de ter dado emfim estas lições
Podereis suprimir os vossos esquadrões,
Entregar á lavoira os braços dos soldados,
E caminhar na rua á noite, desarmados,
Deixando sem receio a vossa casa aberta:
Um policia estará continuamente álerta,
Um policia gratuito, universal, austero,
Vigiando e guardando assim como um cerbero
Desde o melhor palacio á ultima choupana:

Esse policia é Deus — a consciencia humana.

VII

Terminemos. Foi grande o crime do soldado.
Matou covardemente um homem desarmado
Á traição. Foi um crime horrivel, assombroso.
Pois bem, ha para esse enorme criminoso,
Mais do que um salteador, quasi que um fratricida,
Um só perdão — a morte, e um só castigo — a vida.

Existe no entretanto uma féra, um abutre,
Um monstro pavoroso, hediondo, que se nutre
De lagrimas e sangne: é mais feroz que a hiena;
Não conhece remorso e não conhece pena;
Insensivel á magoa, ás supplicas, á dôr;
Forte como um juiz; cégo como o terror;

E' inviolavel : mata e fica sem castigo :
Ainda hoje o Estado é o seu melhor amigo.
Pois bem ; eu que defendo o monstro que assassina
Contra o braço da força e contra a guilhotina,
Eu que proscrevo o algoz, eu exigil-o-hei
Para enforcar sómente esse bandido — a Lei.

FIEL

Na luz do seu olhar tão languido, tão dôce,
Havia o quer que fosse
D'um intimo desgosto :
Era um cão ordinario, um pobre cão vadio,
Que não tinha coleira e não pagava imposto.

Acostumado ao vento e acostumado ao frio,
Percorria de noite os bairros da miseria
A busca d'um jantar.
E ao ver surgir da lua a palidez etherea
O velho cão uivava uma canção funerea,
Triste como a tristeza ossianica do mar.

Quando a chuva era grande e o frio inclemente,
Elle ia-se abrigar ás vezes nos portaes;
E mandando-o partir, partia humildemente,
Com a resignação nos olhos virginaes.
Era tranquilo e bom como as pombinhas mansas;
Nunca ladrou d'um pobre á capa esfarrapada:
E, como não mordia as timidas creanças,
As creanças então corriam-no á pedrada.

Uma vez, casualmente, um misero pintor

Um bohemio, um sonhador,
Encontrára na rua o solitario cão;
O artista era uma alma heroica e desgraçada,
Vivendo n'uma escura e pobre aguafurtada,
Onde sobrava o genio e onde faltava o pão.
Era d'esses que tem o rubro amor da gloria,
O grande amor fatal,
Que umas vezes conduz ás pompas da victoria,
E que outras vezes leva ao quarto do hospital.

E ao ver por sobre o lodo o magro cão plebeu,
Disse-lhe: — «O teu destino é quasi igual ao meu:
Eu sou, como tu és, um proletario roto,
Sem familia, sem mãe, sem casa, sem abrigo;
E quem sabe se em ti, ó velho cão do esgoto,
Eu não irei achar o meu primeiro amigo!...»

No céu azul brilhava a lua etherea e calma;

E do rafeiro vil no mysterioso olhar
Via-se o desespero e a ancia d'uma alma,
Que está encarcerada, e sem poder falar.
O artista soube ler n'aquelle olhar em brasa
A eloquente mudez d'um grande coração;
E disse-lhe: — «Fiel, partamos para casa;
Tu és o meu amigo, e eu sou o teu irmão. — »

E viveram depois assim por largos annos,
Companheiros leaes, heroicos puritanos,
Dividindo igualmente as privações e as dôres.
Quando o artista infeliz, exhausto e miseravel,
Sentia esmorecer o genio inquebrantavel
Dos fortes lutadores;
Quando até lhe acudia ás vezes á lembrança
Partir com uma bala a derradeira esp'rança,
Pôr um ponto final no seu destino atroz;
N'esse instante do cão os olhos bons, serenos,

Murmuravam-lhe : — Eu sofro, e a gente sofre menos,
Quando se vê sofrer tambem alguem por nós. –

Mas um dia a Fortuna, a deusa milionaria :
Entrou-lhe pelo quarto, e disse alegremente :
«Um genio como tu, vivendo como um pária,
Agrilhoado da fome á lugubre corrente !
Eu devia fazer-te ha muito esta surpreza,
Eu devia ter vindo aqui p'ra te buscar ;
Mas moravas tão alto ! e digo o com franqueza
Custava-me a subir até ao sexto andar.
Acompanha-me ; a gloria ha de ajoelhar-te aos pés! ..»

E foi ; e ao outro dia as bôcas das Phrinés
Abriram para elle um riso encantador ;

A gloria deslumbrante illuminou-lhe a vida,
Como bella alvorada esplendida, nascida
A toques de clarim e a rufos de tambor !

Era feliz. O cão
Dormia na alcatifa á borda do seu leito,
E logo de manhã vinha beijar-lhe a mão,
Ganindo, com um ar alegre e satisfeito.
Mas ai ! o dono ingrato, o ingrato companheiro,
Mergulhado em paixões, em gosos, em delicias,
Já pouco tolerava as festivaes caricias
Do seu leal rafeiro.

Passou-se mais um tempo ; o cão, o desgraçado,
Já velho e no abandono,
Muitas vezes se viu batido e castigado
Pela simples rasão de acompanhar seu dono.

Como andava nojento e lhe caíra o pelo,
Por fim o dono até sentia nojo ao vel-o,
E mandava fechar-lhe a porta do salão.
Meteram-no depois n'um frio quarto escuro,
E davam-lhe a jantar um osso branco e duro,
Cuja carne servira aos dentes d'outro cão.

E elle era como um roto, ignobil assassino,
Condemnado á enxovia, aos ferros, ás galés :
Se se punha a ganir, chorando o seu destino,
Os criados brutaes davam-lhe pontapés.
Corroera-lhe o corpo a negra lepra infame.
Quando exhibia ao sol as podridões obscenas,
Poisava-lhe no dorso o causticante enxame
Das moscas das gangrenas.

Até que um dia, emfim, sentindo-se morrer,

Disse: «Não morrerei ainda sem o ver;
A seus pés quero dar meu ultimo gemido...»
E arrastando-se quasi exhausto, moribundo,
Meteu-se-lhe no quarto, assim como um bandido.

E o artista ao entrar viu o rafeiro imundo,
E bradou com violencia:
«Ainda por aqui o sordido animal!
É preciso acabar com tanta impertinencia,
Que esta besta está podre, e vae cheirando mal!»
E, pousando-lhe a mão cariciosamente,
Disse-lhe com um ar de muito bom amigo:
«O meu pobre Fiel, tão velho e tão doente,
Ainda que te custe anda d'ahi comigo».

E partiram os dois. Tudo estava deserto.

A noite era sombria ; o caes ficava perto ;
E o velho condemnado, o pobre lazarento,
Cheio de imensas maguas
Sentiu junto de si como um presentimento
O fundo soluçar monotono das aguas.

Comprehendeu emfim ! Tinha chegado á beira
Da corrente. E o pintor,
Agarrando uma pedra atou-lh'a na coleira.
Friamente, cantando uma canção de amor.

E o rafeiro sublime, impassivel, sereno,
Lançava o grande olhar ás negras trevas mudas
Com aquella amargura ideal do Nazareno
Recebendo na face o osculo de Judas.
Dizia para si : «É o mesmo, pouco importa.

Cumprir o seu desejo é esse o meu dever;
Foi elle que me abriu um dia a sua porta;
Morrerei, se lhe dou com isso algum prazer.»

Depois subitamente
O artista arremeçou o cão na agua fria.
E ao dar-lhe o pontapé caíu-lhe na corrente
O gorro que trazia.
Era uma saudosa, adorada lembrança
Outr'ora concedida
Pela mais caprichosa e mais gentil creança,
Que amara, como se ama uma só vez na vida.

E ao recolher a casa elle exclamava irado:
«E por causa do cão perdi o meu thesouro!
Andava bem melhor se o tenho envenenado!

Maldito seja o cão! Dava montanhas d'oiro,
Dava a riqueza, a gloria, a existencia, o futuro,
Para tornar a ver o precioso objecto,
Dôce recordação d'aquelle amor tão puro.»
E deitou-se nervoso, allucinado, inquieto.
Não podia dormir.
Ao nascer da manhã o vivido clarão
Sentiu bater á porta! Ergueu-se e foi abrir.
Recuou cheio de espanto; era o Fiel, o cão
Que voltava arquejante, exanime, encharcado,
A tremer e a uivar, no ultimo extertor,

Caindo-lhe da bôca, ao tombar fulminado,
O gorro do pintor!

NO CHIADO

O' lama do Chiado, ó lama do bom tom,
Eu quizera fazer-te um bello poema com
A verve de Musset e o rir de Gavarni;
Mas não merece a pena estar a gente aqui
A descobrir, a achar as rimas mais preciosas,
A torcer uma estrofe em espiraes nervosas,

A pôr na reticencia a indiscrição d'um pagem,
A florir n'um bom verso uma brilhante imagem,
E a enroscar n'uma idéa um dito puro e fino
Como os ricos florões d'um portal manuelino,
Para no fim de tudo encher uma columna
D'um jornal de dez réis levado da fortuna,
Que ámanhã dormirá n'uma tenda boçal
Entre um queijo flamengo e uma ode imortal.

Eu sentia-me até bastante resolvido
A cantar n'este instante algum vergel florido,
Uma bôca escarlate, honesta e virginal,
Uma trança d'aurora, um riso de crystal,
Tudo o que ha de gentil, de luminoso e puro
— Uma cabeça loira ou um trigal maduro,
E Julieta e Romeu na scena da varanda.
Mas precisava ter um bom papel de Holanda,
Um typo de Elzevir, um optimo editor,

E sobretudo em vez dos olhos teus, leitor,
O fresco olhar azul d'uma pessoa amada,
Que cobrisse da gloria ingenua da alvorada
Os meus versos pagãos cheios de seiva e flores.
E ao toque do clarim e ao rufo dos tambores,
Fazendo telintar as lanças e as esporas,
Eu mandaria então em legiões sonoras
Um exercito ideal de estrofes coruscantes,
Que iriam desfilar esplendidas, radiantes,
Debaixo do balcão d'essa creança...

Em suma
Tenho estado a soprar n'uma bola de espuma,
Que rebentou. Nem sei a transição que fiz
Da lama do Chiado aos sonhos juvenis,
Da frase de Cambrone ao azul da utopia.

Voltemos ao Chiado. E' já quasi meio dia ;

Vamo-nos encostar á porta da Havaneza,
E veja-se passar Lisboa, essa burgueza
Que vae de risca ao meio e vae de fato preto
Ao *sport* da uma hora — á igreja do Loreto.

Alguns velhos leões de nobre gaforina
Onde falta o cabelo e sobra a bandolina,
Discutem entre si com toda a autoridade
Petiscos do Baldanza e córos da Trindade.
Janotas de balcão, Neros hebdomadarios,
Que exercem a virtude em dias ordinarios,
Correndo no domingo ao vicio, aos sorvedoiros,
Lançando-se ás paixões como S. Thiago aos moiros,
Vão meditando já na bachanal tremenda
Aonde á meia noite o dedo da legenda
Escreverá talvez sobre a muralha espessa
Esta negra inscripção — *Dois pintos por cabeça*.

Brunidos de enthusiasmo, esplendidos, jocundos,
Provincianos joviaes da Beira Baixa oriundos,
Observam com prazer e muita admiração
Os progressos que faz a civilisação
Na capital do reino.

Exhibem-se os alferes,
O encanto do inimigo e o terror das mulheres.

Nos grupos do Prazer, do Chic, da Finança
Admira-se um cavalo, uma girafa mansa
Que vae trotando.

A missa está quasi a acabar.
A igreja do Loreto é o piedoso *boudoir*
Onde Christo recebe as preces perfumadas
Das almas do bom tom.

Recruzam-se, damnadas,

No insano frenesim de rubra extravagancia,
Perversas multidões puxadas á substancia,
Calcando dignamente as lamas venenosas,
A lama onde os corceis das raças milagrosas
Mais gostam de imprimir a marca das suas patas,
E onde ás 5 da tarde ilustres burocratas
Poisam a nobre planta ornada de galocha.

....
....

Sinto-me triste. A aurora ingenua desabrocha
Na candura do azul, como uma rosa enorme.
E, emquanto o meu visinho (um brazileiro) dorme
Fazendo variações no cornetim nasal,
Eu filho da Utopia e primo do Ideal
Tenho estado rimando esta canção florida,
Que seria melhor, não sendo tão comprida.

A FOME NO CEARÁ

I

Lançae o olhar em torno;
Arde a terra abrasada
Debaixo da candente abobada d'um forno.
Já não chora sobre ella orvalho a madrugada;
Secaram-se de todo as lagrimas das fontes;

E na fulva aridez asperrima dos montes,
Entre as scintilações narcoticas da luz,
As arvores antigas
Levantam para o ar — atleticas mendigas,
Fantasmas espectraes, os grandes braços nus.

Na deserta amplidão dos campos luminosos
Mugem sinistramente os grandes bois sequiosos.
As aves caem já, sem se suster nas azas.
E, exhaurindo-lhe a força enorme que ella encerra,
O sol aplica á terra
Um caustico de brazas.

O incendio destruidor a galopar com furia,
Como um Atila, arrasta a tunica purpurea
Nos bosques seculares;
E, Lacoontes senis, os troncos viridentes
Torcem-se, crepitando entre as rubras serpentes
Com as caudas de fogo em convulsões nos ares.

O sol bebeu d'um trago as limpidas correntes ;
E os seus leitos sem agua e sem hervagens frescas,
Co'as bordas solitarias,
Têm o aspecto cruel de valas gigantescas
Onde podem caber muitos milhões de parias.

E entre todo este horror existe um povo exangue,
Filho do nosso sangue,
Um povo nosso irmão,
Que nas ancias da fome, em contorsões hediondas,
Nos estende através das suplicas das ondas
Com o ultimo grito a descarnada mão.

E por sobre esta imensa, atroz calamidade,
Sobre a fome, o exterminio, a viuvez, a orfandade,
Sobre os filhos sem mãe e os berços sem amor,
Pairam sinistramente em bandos agoireiros
Os abutres, que são as covas e os coveiros
Dos que nem terra têmpara dormir, Senhor !

E sabei — monstruoso, horrivel pesadelo ! —
Sabei que ahi — meu Deus, confranjo-me ao dizel-o ! —
Vêem-se os mortos nus lambidos pelos cães,
E os abutres crueis com as garras de lanças,
Rasgando, devorando os corpos das creanças
Nas entranhas das mães !

II

Quando inda ha pouco o vendaval batia
Dos grandes montes nos robustos flancos ;
E as nuvens, como enormes ursos brancos.
Em tropel pela abobada sombria
Dos canhões dos titans, aos solavancos,
Arrastavam a rouca artilheria ;

Quando os rios, indomitos, escuros,
Iam como ladrões saltando os muros,
Para roubar ao camponez o pão;
E, cruzando-se, os raios flamejantes
Abriam como esplendidos montantes
De meio a meio a funda escuridão;

Quando os ventos asperrimos, freneticos,
Como cyclopes doidos, epilepticos,
Com raivas convulsivas
Perseguiam, bramindo, ás chicotadas,
Das retumbantes ondas explosivas
As tropegas manadas;

Quando entre os gritos roucos da procela,
A fome — a loba — escancarava a guela
Uivando ás nossas portas;
E andavam sobre as aguas deshumanas
Com os despojos tristes das choupanas
Berços vazios de creanças mortas;

Oh! n'esse instante, ao ver o povo exanime,
Pulsou da patria o coração unanime,
Um coração de mãe piedosa e boa...
E das imensas lagrimas choradas
Muitissimas então foram guardadas
Entre as joias da c'rôa.

Mas é certo tambem que além dos mares
Alguem ouviu, alguem, cortando os ares
Essa terrivel dôr;
E esse alguem é quem hoje, é quem agora
Morto de fome a soluçar implora
Mais do que o nosso auxilio — o nosso amor.

Vamos! abri os corações, abri-os!
Trasborde a caridade como os rios
Trasbordaram dos leitos em janeiro!
Nem póde haver de certo mão avara
Que o pão recuse a quem lhe deu a seara,
Que a esmola negue a quem lh'a deu primeiro.

A miseria é um horrivel sorvedoiro ;
Vamos ! enchei-o com punhados d'oiro,
Mostrando assim aos olhos das nações
Que é impossivel já hoje (isto consola)
Morrer de fome alguem, pedindo esmola
Na mesma lingua em que a pediu Camões !

DIA DE INVERNO

Mefistofelico, esguio,
    Trota o frio
Na egua vesga, endiabrada
    — A nortada.

O *Sagitario* feroz
    Crava em nós
As setas e os bisturis
    Do pleuriz.

Dos troncos dos arvoredos,
Nos rochedos
O vento, o grande organista,
Fantasista,

Toca tremendos galopes
De cyclopes
E valsas doidas, macabras,
Para cabras.

Os velhos escripturarios
Salafrarios
Gelam dentro das alpacas,
Como facas.

Não sei que tremula harpia
Assobia
Damnadas canções funestas
Pelas frestas.

Dos vagalhões — ursos brancos —
Sobre os flancos
Estoira o chicote agreste,
Do nordeste.

As creanças expirando
Vão em bando,
Mortas, da côr das opalas,
Para as valas.

E do conego feliz
No nariz
Dezembro arvora a bandeira
Petroleira.

O URSO BRANCO

Elle é descomunal, titanico, felpudo ;
Anda sinistramente a farejar na treva,
E causa-nos horror como um gigante mudo.

Vive na escuridão fantastica do Neva,
E já ouvi dizer que essa alimaria informe
É tambem como nós filho d'Adão e Eva.

Rasteja pela sombra, e mesmo quando dorme
Conserva sempre aberto um olho coruscante,
Como um cato real, ensanguentado, enorme.

É o despota feroz, o cesar triumphante
D'uma crepuscular, longinqua Babylonia,
Que é como um pesadelo, uma visão de Dante.

Nas convulsões febris da bestial insomnia
Estorce-se a lamber as garras sensuaes,
Ruminando lá dentro o craneo da Polonia.

Anda a espreitar ao longe as torres orientaes,
As flexas de Stambul, as morbidas almeias,
Com o riso cruel dos lobos imperiaes.

Tira o sangue do povo e manda abrir-lhe as veias,
E os duques generaes e os bispos cortesãos
Misturam-no com sangue e bebem-no nas ceias.

Satanaz é seu pae e os tigres seus irmãos.
Depois de realisar doidas carnificinas,
Lava com agua benta as sanguinarias mãos.

Sobre os campos do mal semeia as guilhotinas.
Mergulha brutalmente a plebe esfarrapada
Na bronzea escuridão das tenebrosas minas.

Por isso, quando vae de fronte levantada,
Entre o clamor febril da guarda pretoriana,
Erguendo para a luz a flamejante espada ;

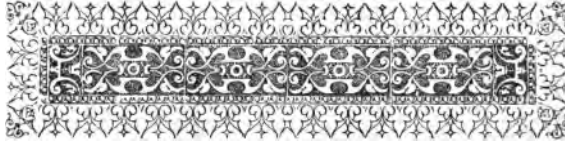
Debaixo de seus pés em confusão insana
Sente-se revolver um mar de imprecações,
Que abala o fundamento á consciencia humana.

Justiça ! vae abrir as furnas dos leões !
Desce d'aquelle inferno ás gelidas entranhas,
E arranca-me de lá os tristes corações,

Que sentem sobre si o peso das montanhas...
Transforma n'uma lança os ferros das algemas,
Vae aos gelos do norte, ás solidões estranhas,

Procura a fera brava ; eia, mulher, não tremas !
Embebe-lhe sem dó no musculoso flanco
A lança virginal das coleras supremas.

Monta no teu corcel! Agarra o urso branco,
Ensina-lhe a dançar umas grotescas danças,
E dá-o de presente a um magro saltimbanco,

Que o mostre n'uma feira aos risos das creanças.

A PROPOSITO

DAS

«VOZES DO ERMO»

A Valentina de Lucena

I

É uma bella manhã esplendida de abril.
Na campina relincha o Pégaso febril.
Indomito corcel, das ventas dilatadas
Lança como um clarão de rubras alvoradas.
Com as patas de ferro e sacudindo as crinas,
Escarvando, amachuca os trevos e as boninas,

Em que a aurora lançou um choro de diamantes
Tem lampejos ideaes nos olhos flamejantes.
Sobre a espinha dorsal herculeamente bella
Ninguem lhe poz ainda a marca d'uma sella.
Quem lhe quizer domar o impeto selvagem
Necessita de ter o bronze da coragem,
Atirar com a alma ao fogo dos combates,
Ter no peito a justiça, e ter nos acicates
Como roseta d'oiro a estrella da manhã.
O seu flanco precisa as pernas d'um titan.
No instante em que sentir no dôrso o cavaleiro,
Com o rude fragor sinistro do pampeiro
Desfila a toda a brida alucinadamente.
É como um ferro em braza o seu olhar candente.
N'uma doida embriaguez vae devorando o espaço.
Não fraquejaram nunca os seus jarretes de aço.
Debaixo dos seus pés, na furia do galope,
Como sob o martelo enorme d'um cyclope,

Quebra a rocha, espirrando o fogo em mil scentelhas.
Correm-lhe dos ilhaes as purpuras vermelhas.
Vôa. E ora atravessa alegre, intemerato,
Um bello campo em flor onde brilha um regato,
Uma aldeia tranquila, uma cidade imensa
Com estatuas de heroes, como Roma ou Florença,
Um caminho em abril, onde em noites piedosas
Desabroche ao luar o calice das rosas,
Uma verde colina, uma antiga floresta,
Em suma, ora atravessa a natureza em festa,
Ora vae percorrendo os areaes ardentes
Com o rugir do tigre e o silvar das serpentes,
A charneca sem fim, o monte que produz
Só o cardo torcido entre os rochedos nus,
As negras solidões da morte, os precipicios,
As Gomorras onde ha fermentações de vicios
E purpuras e fome e peste e bachanaes...
É a viagem da Vida, os contrastes brutaes

Entre o sapo do enxurro e a flor da primavera,
Entre o ninho e o covil, entre a pomba e a fera,
Entre um beijo inocente e um beijo que dá asco,
Entre o filho do rei e o filho do carrasco,
Entre Nero e Jesus, entre Caim e Abel.
E não pára, não dorme o intrepido corcel.
Depois não marcha só ao despontar da aurora,
Ou á luz do luar; a toda e qualquer hora,
Seja noite ou manhã, seja dezembro ou maio,
Ou ao clarão da lua ou ao clarão do raio,
Batido pela chuva e pelas ventanias,
Vae galgando e cortando as amplidões sombrias,
Até que o cavaleiro exhausto e moribundo,
Depois de ter andado assim por todo o mundo,
Por todas as paixões, por todas as estradas,
Depois de ser corrido a insultos e a pedradas,
Depois de ter sentido as mais profundas dôres,
Coberto de ignominia e coberto de flores,

Já quasi a sucumbir aos golpes do cansaço,
Brilhante como um Deus, roto como um palhaço,
Exclama: —Eis-me chegado ao meu destino—á gloria!—
Bate á porta da campa, e vem abrir-lh'a a Historia.

II

O' sublime creança, ó meiga Valentina,
Quando tu de manhã vês pastar na campina
Entre o roseo nevoeiro o Pégaso selvagem,
Atrevida e gentil, como um pequeno pagem,
Corres; sem medo algum bates-lhe sobre a anca,
Lanças á crina escura a mão nervosa e branca,
E rindo, sem fazer o mais pequeno esforço,
Dás um salto elegante e poisas-lhe no dôrso.
E o cavalo, sentindo o peso encantador
Da amazona gentil, — que é o peso d'uma flor,
Caracola orgulhoso e vae pelos caminhos
Cheios de luz, de sons, de frémitos, de ninhos,
Pelos ricos vergeis, pelos virentes prados.

Obrigal-o a saltar as sebes dos valados,
E colhes, quando salta, um pampano de vinha,
Cantas e ris.. Mas, ai! *ó misera e mesquinha*,
Tu olhas para casa, e vês a turba aflicta
Dos nossos menestreis que te suplica e grita
Que voltes, e que emfim é improprio de uma dama
Uma estroinice tal! Vidal — o meigo, exclama:
«Por Cupido e por Deus, senhora, que imprudencia!
Que susto nos causou! Creia vossa excelencia
Que isso é besta ruim, é uma fera damnada...
Depois, sem albardão, sem estribos, sem nada!...
Crédo! Já me partiu um dia uma costela!»
Um democrata surge e brada da janela:
«O D. Valentina! O D. Valentina!
Por quem é, por quem é! apeie-se, menina!
Por tudo quanto eu amo, evite uma desgraça:
Em nome do Direito e da nuvem que passa,
Por alma de Danton, pela sombra da tilia,
Por Madame Roland, e pela *Joven Lilia*,
Sim, por tudo o que eu amo em toda a natureza,

Desde a lymfa de prata á convenção franceza,
E desde Oitenta e Nove até á flor de liz!»
Alberto Pimentel alçaprema-se e diz:
«Vamos buscal a já! Vamos salvar-lhe a vida!»
Correm todos; e tu, cercada e constrangida,
Desces. Vão-te buscar uma burrinha mansa,
E obrigam-te a montal-a. . Um dos bardos afiança
Que jumenta melhor, mais gorda, mais pacata
Não existe. Vidal condul-a pela arreata;
Fernandes vae atraz, a excitar a energia
Da bucéphala. E toda a bella companhia
Desaparece ao longe em grande desfilada,
Montando nobremente os Pégasos de Almada,
Que devoram o espaço e a herva da campina.
Subito um trovador avista uma bonina.
«A inocente bonina! a flor que a virgem ama!
«Oh! cantemol-a, sim! Vidal aflicto, exclama.
«Já sinto arder no craneo o genio que delira!
«Menestreis, menestreis, toca a afinar a lyra,
«Mais suave que o mel doirado das abelhas.»

E começa a sentir-se o ranger das cravelhas.
«Depois do malmequer cantem-se as borboletas!
(E cantam-nas). «Depois os jasmins e as violetas!
(E cantam nas tambem). «E agora Deus e a brisa
«E mais a D. Amelia e mais a D. Elisa
«E a saudade, o Martyrio, a Prece, a Rosa, o Vinho,
«E a candida Leonor mulher do meu visinho
«E os peitos de Adelaide e a bôca de sicrana. .»
E emquanto os menestreis ideaes da caravana
Extraem da theorba os intimos lamentos,
Na campina florida os placidos jumentos
N'um dôce bucolismo andam tosando a aveia.
Um d'elles, pensativo e merencorio, ornea.
O palido clarão do sol doira as escarpas.
E os bardos, recolhendo ao seu alforge as harpas,
Galopam atravez do campo solitario,
Emigrados do Azul, cumprindo o seu fadario
N'este mundo horroroso e vil que lhes faz troça.

Os lentos aldeões vão recolhendo á choça.
Latino — o Ferrabraz e Coelho — a Magdalena,
Um dôce como a pomba, outro mau como a hiena,
Caminham par a par, beijando-se entre si.
Atraz segue Vidal e João de Lemos e
Os palidos orpheus que sabem os arcanos
Para sensib'lisar as rochas e os pianos.
Um d'elles, trovador, noticiarista e magro,
Cavalga ethereamente o vaporoso onagro,
Curvando sobre a besta a solitaria espinha.
Vidal tira a jaqueta — um pampano de vinha.
E eu ao vel-os passar cheios de languidez
Pergunto-lhes então: «Aonde vão vocês?
Á Cova da Piedade? á Arrabida? ao Alfeite?
Vocês vão merendar? vão passeiar o leite?
Aonde vão vocês?» Responde-me Vidal:
«Nós vamos por aqui em busca do Ideal.»

AS PRAIAS

O rude coração do amargo oceano
Tem virtudes energicas, austeras :
Dá um heroico lampejo ao corpo humano,
Um sadio florido de primaveras.
Essas almas dolentes, requebradas,
Tristes como o cantar de um rouxinol,

Fal-as fortes, viris, iluminadas :
          Brilhantes como o sol,
          E rijas como espadas.
Um corpo frouxo e mordido e franzino,
Cheio de palidez etherea e dôce,
          Torna-o como se fosse
          De bronze crystalino.
Depois, o aroma acre dos pinheiros,
A borrascosa voz dos marinheiros,
E a vastidão da esplendida paisagem,
Tudo faz rebentar em nossos peitos
O bronze inabalavel da coragem.

*
* *

          Deixae os plumeos leitos
Onde o espirito languido desmaia !
          Vinde viver na praia
Entre as coisas sadias, triumphantes

Do bello mundo antigo !
E despi esses vicios irritantes
Como quem despe uns trapos de mendigo !

*

* *

Viver n'uma casita á beira-mar
Feita no goso inglez,
Casa de um só andar
E sem balcão chinez ;
Ler paginas vibrantes, luminosas,
Ricas de coisas sãs e duradoiras ;
Beijar crianças puras, vigorosas,
Ainda mesmo que não sejam loiras ;
Junto a isto um amigo verdadeiro,
Saude e algum dinheiro,
Eis a vida melhor, mais pitoresca
Que existe á luz do dia...
A vida assim é uma roseira fresca,
Inundada de orvalhos de alegria !

Fui ha dias á praia, e Deus me ajude
A castigar a miseravel gente,
Que vae gastando a alma inutilmente
Sem honra, sem trabalho e sem virtude.

*
* *

As damas do bom tom
Estorcem-se no mar,
Vestidas lindamente á *benoiton*.
E uns vadios, de pé sobre os rochedos,
Com largo riso alvar
Vão sublinhando eroticos segredos...

*
* *

Como um bando ligeiro de andorinhas,
Sobre a humida areia reluzente

Brincam alegremente
As loiras inglezinhas.

*
* *

Montados sobre rapidos fouveiros,
Galopam tres morgados,
Rijos como sobreiros,
Brutos como soldados.

*
* *

Um grupo de ridiculas casquilhas
Sorriem d'umas boas provincianas,
D'uma tribu gordissima de manas
Com netas, com sobrinhas e com filhas.
Esta leva o vestido mal talhado,

A outra vae de verde, a côr da esp'rança...
E aquell'outra de rosto afogueado
Leva as côres do arco da aliança.
Sacodem dos vestidos a poeira
Com uns lenços de rendas trabalhosas,
Feitas por mãos virtuosas
Em noites de serão junto á lareira...

*
* *

Além, sobre um balcão, sem ser florido,
Uma Ophelia, com vistas sensuaes,
Sonha coisas ideaes
Em que entra tudo menos o marido.
Ella pensa nos céus, arrebatada
N'um espasmo romantico, nervoso...
Adora Lamartine... e é casada
Com um burguez de ventre magestoso.

Um tolo de um janota,
De mão maior que a luva
E pé maior que a bota,
Com olhos desgraçados
Namora uma viuva
Que tem cem mil cruzados.

*
* *

Um triste d'esses martyres sandeus
Crava a febril luneta
N'uma linda, irritante Julieta
Que teve já uns poucos de Romeus.
No entanto adora-a com paixão ardente!
Chama-lhe amor perfeito,
E vae casar com ella simplesmente
Por ter o pé bem feito.

*

* *

A noite a gente ociosa
Que desconhece o orgulho do trabalho
Assenta-se ruidosa
Em volta de um baralho.
Começa o jogo. A luz do candieiro,
Mais crua do que o aço,
Bate em cheio na fronte do banqueiro
De um amarelo gorduroso e baço.
Um que a seguir perdera já tres vezes
Faz calculos empiricos...
Jogam entre os burguezes
Alguns poetas lyricos....
....
....

*

* *

Quizera contar tudo,
Impossivel. A penna cae da mão,
E o labio fica mudo,
Mudo de indignação.
E o mar saudoso e largo,
Formidavel, colerico, profundo,
Chora com choro amargo
Sobre a mesquinha podridão do mundo.
Chora com choro amargo e com saudade
D'essa alegria intemerata e séria,
D'esses tempos viris em que a materia
Produzia gigantes de bondade!

Porto, 1872.

GENIOS

(FRAGMENTO)

....

....

E disse-me : Poeta, ao longe no horisonte
Não vês quasi a lamber a abobada do céu
Brilhante e luminoso um tumido escarceo ?
Como alvacento leão, na rapida carreira
Vem sacudindo a juba... A natureza inteira
Scisma, contempla, escuta o cantico profundo

Em tragico silencio. O sol já moribundo
Resvala-lhe no dôrso, iria-lh'o de chamas,
Como d'um monstro enorme as fulgidas escamas...
Rugindo enovelada em turbilhão insano,
A vaga colossal, rasoira do oceano,
Lá vem rolando grave, e deixa ao caminhar
Um campo atraz d'um monte, um lago atraz d'um mar!
Qual lucida serpente agora eil-a decresce
Em curva indefinida; — alonga-se... parece
Que a terra ha de estoirar em brancos estilhaços
No circulo fatal dos seus enormes braços.
Como galopa infrene! Eil-a que chega!... vôa
N'um impeto feroz, n'um salto de leôa
Aos rudes alcantis! e em horrida tormenta
Na rigida tranqueira o vagalhão rebenta,
Bramindo pelo ar: trepa, vacila, nuta,
E exanime por fim, vencida n'esta lucta,
Sem voz, sem força, inerte, exhausta, esfarrapada
Lá vae... aonde a leve a rispida nortada.
No entanto uma outra vaga e outra e outra e mais,

Exercitos sem fim de monstros colossaes,
Lá partem do horisonte e vem uma por uma
Rugir e desfazer-se em flocos de alva espuma.

Mas n'este galopar indomito, infinito
As ondas vão minando a rocha de granito...

AÇUCENAS ALEMÃS

O Norte exclama : Desgraçada França !
Paris é velha meretriz devassa,
Magra «cocote» que estrebuxa e dança
Sobre o cadaver da latina raça.

Berlim, oh ! essa, a capital augusta
Nunca um só beijo lhe roçou nos labios !
Burgueza honesta, colossal, robusta,
É mãe fecunda dos heroes, dos sabios,

Sim, Alemanha, és grande, és virtuosa!
Deixa que a França, a velha escrofulosa
Na podridão se enterre e se aniquile!

Mas, no fim de isto tudo, o que me espanta
É que os teus reis, Germania sacrosanta,
Vão procurar esposas no Mabile!

RUINAS

I

E é triste ver assim ir desfolhando,
Vel-as levadas na amplidão do ar,
As ilusões que andámos levantando
Sobre o peito das mães, o eterno altar.

Nem sabe a gente já como, nem quando,
Ha de a nossa alma um dia descançar!
Que as almas vão perdidas, vão boiando
N'esta corrente electrica do mar!...

Oh sciencia, minha amante, oh sonho belo !
E's fria como a folha de um cutelo...
Nunca o teu labio conheceu piedade !

Mas cáia embora o velho paraiso,
Cáia a fé, cáia Deus ! sendo preciso,
Em nome do Direito e da Verdade.

II

Morreu-me a luz da crença — alva cecem,
Palida virgem de luzentas tranças
Dorme agora na campa das creanças,
Onde eu quizera repousar tambem.

A graça, as ilusões, o amor, a unção,
Doiradas catedraes do meu passado,
Tudo caíu desfeito, escalavrado
Nos tremendos combates da rasão.

Perdida a fé, esse imortal abrigo,
Fiquei sósinho como heroe antigo
Batalhando sem elmo e sem escudo.

A implacavel, a rigida sciencia
Deixou-me unicamente a Providencia,
Mas, deixando-me Deus, deixou-me tudo.

A. L.

Não és a flor olympica e serena
Que eu vejo em sonhos na amplidão distante;
Não tens as fórmas ideaes de Helena,
As fórmas da beleza triumfante;

Não és tambem a mystica açucena,
A alva e pura Beatriz do Dante;
És a artista gentil, a flor morena
Cheia de aroma casto e penetrante.

Não sei que graça, que esplendor, que harpejo
Eu sinto dentro d'alma quando vejo
Teu corpo aereo, matinal, franzino...

Faz-me lembrar as vividas napeias,
E as fórmas vaporosas das sereias
Rendilhadas n'um bronze florentino.

NO BOULEVARD

A's dez horas da noite estava o boulevard
Plethorico, febril. Sentia-se o coaxar,
O murmurio, o marulho, o movimento insano
Dos vicios, das paixões, do formigueiro humano
Torcendo-se ao clarão do gaz, como reptis
Sobre o fogo. O prazer abria os seus covis
Ebrios de luz, de sons, de orchestras, de violetas,
Lançando pelo ar as igneas cançonetas,

Exhibindo no rubro escandalo das walsas
O impudor verdadeiro e as dentaduras falsas,
Golfando o vinho em onda, a saturnal em furia,
Derretendo os milhões nas brazas da luxuria,
Causticando o deboche, inflamando o apetite,
Transformando a existencia em bomba, em dynamite,
E lançando-lhe em cima uma poncheira acesa,
Fazendo um calembourg depois d'uma torpeza,
Finalmente amarrando a machina do excesso
Ao comboyo da vida, ao grande trem expresso
Da loucura, e bradando, a rir com riso atroz:
— O diluvio que venha... ainda antes de nós!

....

....

Ruidoso como a onda, ardente como a lava,
O negro turbilhão dos vicios perpassava,
Desde o vicio elegante, altivo, aristocrata,
Que odeia a podridão vulgar porque é barata;
Desde o vicio que tem, além d'um ar gentil,
Cavallos de Inglaterra e amantes do Brazil;

Desde o vicio doirado e fino da opulencia,
Um vicio reduzido a triplicada essencia,
Mergulhado em Champagne e rendas de Lyon,
Um vicio que é tão mau por ser, que horror! tão bom!
Até ao vicio triste, o imundo vicio roto,
Que almoça na estrumeira e vae jantar no esgoto,
O vicio tenebroso, asqueroso, bestial,
Que só dorme em lençoes... dormindo no hospital!
....
....
E eu ao ver perpassar a multidão sonora,
Enterrada no flanco a venenosa espora
Do deboche, eu ao ver a triste furia insana
Do rei da creação, da velha besta humana,
Correndo ao vicio, ao crime, á onda, ao sorvedoiro,
Como contra uma capa ensanguentada um toiro,
Eu então exclamei:

— Que esplendido festim!
Vale a pena viver n'um paraizo assim!

Como isto é bom! chegou-se á perfeição suprema:
Partiu-se a cruz, o throno, o baculo, o diadema;
O progresso, fazendo as suas novas leis,
Deu o sceptro ao Direito e o guarda-chuva aos reis.
Temos livros, jornaes, telegrafos, vapor,
Retortas para a luz, farmacias para a dôr,
Ha optimos bordeis, ha excelentes vinhos.
E podemos andar á noite nos caminhos
Com toda a segurança, inteiramente inermes.

Oh! a grande, a ideal republica dos vermes!

Como esta sociedade é baixa e libertina!
D'um lado está Prudhomme e do outro Messalina.
Gosar? sim; mas gosar com toda a segurança:
A rasão e a luxuria, a liberdade e a pança.
Que haja um grande socego e haja prazer á farta:
O bordel e o gendarme, a saturnal e a *carta*.
Um ramo de oliveira a presidir á orgia.
Nero feito barão, Nero com mercearia.

O ponto essencial é não trazer grilheta.
Uma camisa branca, uma consciencia preta,
Um ar pouco sério, um nome, algum dinheiro,
Eis tudo o que se exige a qualquer bandoleiro
Para representar a farça d'esta vida.
A virtude consiste em ter folha corrida.
A moral é uma *blague;* apenas se suporta
N'um drama ou n'um sermão; de resto é letra morta
Que nada tem que ver com cambios, com negocios.

Entre os homens não ha fraternidade — ha socios.

Gosar, gosar, gosar, — eis o aguilhão latente,
A gangrena inflamada, o venenoso dente
Que nos morde, nos roe, nos punge e nos lacera.
Existe dentro em nós uma insaciavel fera
Que reclama o prazer em gritos lancinantes,
Que exige o brilho do oiro, as bocas das amantes,
O vicio até ao crime ou até á loucura.
A realidade, a vida, é um bem que pouco dura.

Tornemol-a febril, alcoolisada, intensa.
Pegue-se no prazer, meta-se n'uma prensa,
E bebamos o extracto. O mais lançal-o fóra.
E' vivermos um sec'lo em cada quarto d'hora.
Aproveitemos bem o nosso sangue, e ao cabo
Ou que nos leve Deus ou que nos leve o Diabo,
Que tenha mais rasão o escalpelo ou a cruz,
Que dissesse a verdade ou Buchner ou Jesus,
E que as almas, depois d'estas paixões protervas,
Sirvam d'anjos ao ceu ou de alimento ás hervas,
E' uma coisa indif'rente inutil; pouco importa!
Emquanto não se abrir a tenebrosa porta
Que dá para o festim dos vermes subterraneos,
Emquanto que existir dentro dos nossos craneos
A scentelha vital chamada o pensamento,
Não deixemos perder um unico momento,
E' furar, é furar co'a broca da ambição
Na montanha da vida o tunel do milhão.
Lembremo-nos que o mundo é hoje um paraizo
Confortavel, onde ha tudo quanto é preciso;

Magnificas maçãs e esplendidas serpentes...
Não deixemos, que diabo! apodrecer os dentes!

....
....

Eu que pertenço todo á aspiração moderna,
Eu que sei que ha uma lei, viva, profunda, eterna,
Que inclina para a luz o espirito das coisas,
Eu que não choro ao ver as funerarias loisas,
Onde dormem p'ra sempre os idolos d'outr'ora,
Eu que costumo olhar na direcção da aurora,
Ao ver tanta imundicie e ao ver tanta baixeza,
Sinto entrar na minha alma a noite da tristeza,
E, não sendo christão, choro, e prefiro até
O mundo de Jesus ao de Baptista Say.

CARNAVAL!

Palhaços, histriões, arlequins, saltimbancos,
Verdes, negros, azues, ensanguentados, brancos,
Côr de sol, de luar, de lama, de verdête,
Com flamulas azues de raios no topête,
Com a cara de gesso e uma boca vermelha,
— Facada escancarada a rir d'orelha a orelha, —
Palhaços, histriões, arlequins, meus amigos!

Sinto-me triste como os Cesares antigos.

Alegrae-me! fazei que em meu labio mordente
Desabroche auroreal, doida, magnificente,
A gargalhada em flôr com rutilancias claras
De papoilas cantando, a arder, por entre as searas!
Zigzagueae, saltae, coriscae! Quero ver-vos,
N'um frenesi rabioso e electrico de nervos,
Espiritos de azougue, almas de caotchú,
Cair d'um quarto andar n'um bate *c* mais *ú*
Sobre o asfalto, e pinchar, cabriolar n'um novelo
Até ao quinto ou sexto andar do setestrelo!
Rebolae-vos a rir em fogo, em furia, em braza!
A Gravidade é um ventre e a Loucura uma aza!
Agitae, tilintae, na entrudada cruel,
Em chapeus de Pierrots guizos de cascavel!
Esfolae-me o Bom Senso obeso, o pulha, o pança!
Armae-lhe com a pele um bombo, e n'uma dança
Macabrica fazei rufar, bailando a trote,
Sobre os coiros do Pança os femurs do Quixote,
Sobre o odre da Prosa as canelas do Ideal!
Quero uma farça atroz, comico-sepulcral!

Cuspi fogo, escarrae vitriolo, pedi
As unhas d'aço ao tigre e o dente ao javali,
E voae, correi, pulae, pelo universo fóra,
Lambusados de graxa e de vinho e d'aurora,
A morder, a estripar, dilacerar, rasgar
O gordo Egoismo, o Egoismo ovante, o Egoismo alvar,
Omnipotente Deus-Bandulho, Grão-Mogol,
Rei-Cebo emfim, bem mais tyrano que o Rei-Sol !
Bombardeae-me a milhões de aboboras porqueiras
Esse monstro que passa, hydropico de asneiras,
A Nulidade inflada, imortal, triunfante,
Zero imenso a mover-se em patas de elefante !
A' Hypocrisia, obliqua e vesga, ide de manso
Levantar-lhe o chinó viscoso que tem ranço,
Quebrar-lhe a dentadura a supurar gangrena,
Pôr-lhe ao léo a carcassa abjecta, a carne obscena.
E entregal-a, assim nua e pôdre e desdentada,
Ao ladrar do gavroche e ao latir da canzoada !
Empalae em cem mil foguetes cem milheiros
De Tartufos, com bons cachaços, bons trazeiros

Bons lombos, e a zurrar, de habito e de camandulas,
Que arrebentem no azul profundo em tres girandolas !
Sêde estranhos, brutaes, absurdos, incoherentes !
Esfusiae busca-pés, rutilos de serpentes,
Por entre a turba-multa orneando em grossa orgia !
Refulja-vos nas mãos o gladio da Ironia !
E na ponta cruel da victoriosa espada,
Depois de bem brandida e bem ensanguentada,
Poise, — beijo de luz, de graça e de pureza ! —
Leve, aerea e divina, a calhandra gauleza !
Achatae o orgulhoso e engrandecei o humilde :
No esterco de Ezequiel e Job, deitae Rotschild.
Serví Luculo assado e Creso em costeletas
Ao cão magro que almoça á noite nas sargetas
De Suburra. Fazei a paz no mundo todo,
Transformando o diamante em carvão, o oiro em lodo,
A prata em cobre, o cobre em ferro, e o ferro até,
Sendo ferro de Krupp, em ferro de Bravais !

....

....

E quando vier emfim com um destacamento
O terrivel senhor doutor Moraes Sarmento,
Para vos encaixar dentro do xelindró,
Ponde aos cornos da lua a escada de Jacob,
Subi, trepae, galgae, vertiginosamente,
Até lá cima : firme os pés sobre o crescente,
O mais herculeo, e vão, erectos sobre os hombros
Uns dos outros, formando uma torre de assombros,
Fantastica babel de arlequins, saltimbancos,
Verdes, negros, azues, ensanguentados, brancos ;
Côr de sol, de luar, de lama, de verdête,
Com flamulas azues de raios no topete,
Com a cara de gessso e uma boca vermelha,
—Facada escancarada a rir de orelha a orelha, —
E todos, lampejando entre as poeiras astraes,
A fazer, juvenis, epicos, triumphaes,
— Ao rytmo d'um imenso e invisivel psalterio,
Jogos de malabar com soes, no azul ethereo !...

CONSELHOS ACADEMICOS

Procurae com todo o esmero
A sobriedade, o aticismo :
Um gigante é um exagero,
E um vulcão é um gongorismo.

O' aguias, para sofrerdes
Do sol o rubro clarão,
Deveis pôr lunetas verdes,
Como o meu tabelião.

A luz de mais causa damno:
Emudece o rouxinol;
Vá lá cima Quintiliano
Pôr um *abat-jour* no sol.

O estilo rico e brilhante,
Feito de alvoradas d'oiro
E' como as mãos d'um marchante
Tintas no sangue d'um toiro.

Não mergulheis a paleta
No arco da aliança, artistas;
Fez Deus essa taboleta
Como reclame aos droguistas.

A doida orchestra — a procela
Rebenta, estoira, assobia;
Venha um mestre de capela
Dar-lhe lições de harmonia.

E esse cantor arruinado,
Rouco, epileptico — o mar
Precisa um tiple castrado
Para aprender a cantar.

O AMOR

A Guilherme de Azevedo

Eu nunca naveguei, pieguissimo argonauta,
Dans les fleuves du tendre, onde ha naufragios bons,
Conduzindo Florian na tolda a tocar frauta,
E cupidinhos d'oiro a tasquinhar *bonbons*.
Nunca ninguem me viu de capa á trovador,
Ás horas em que está já Menelau deitado,

A tanger o arrabil sob os balcões em flor
Dos castelos feudaes de papelão doirado.
Não canto de Amphitrite as vaporosas fraldas,
(Eu não quero com isto, ó Venus, descompor-te)
Nem costumo almoçar c'roado de grinaldas,
Nem nunca pastoreei emfim, vestido á côrte,
De bordão de cristal e punhos de Alençon,
Borreguinhos de neve a tosar esmeraldas
N'um lameiro qualquer de qualquer *Trianon*.
Eu não bebo ambrosia em taças cristalinas,
Bebo um vinho qualquer do Douro ou de Bucellas,
Nem vou interrogar as folhas das boninas,
Para saber o amor, o tal amor das *Ellas*.
Não visto da poesia a tunica inconsutil,
Pela simples rasão, sob o pretexto futil,
De ter visto passar na rua uns pés bonitos ;
Nem do meu coração eu fiz um paliteiro,
Onde venha o amor cravar os seus palitos.
Sou selvagem talvez, e sou talvez grosseiro,
Mas as cousas que sinto eu digo-as francamente :

Não quebro da friura a agua de Castalia,
Nem a bebo panada, assim como um doente.
Detesto o lamurear d'um realejo de Italia,
Detesto um massador, detesto uma massada,
Um discurso comprido, uma bota apertada,
E uma unha raspando a cal d'uma parede ;
Detesto o pedantismo, a hydrofobia, e crêde
Que detesto tambem com infinita zanga
As paisagens, horror ! bordadas a missanga,
Que a provincia fabríca, e que Lisboa admira ;
Detesto d'uma letra o prazo, quando expira,
Detesto intimamente a carta de conselho,
Detesto o *calembour*, como um toiro o vermelho,
E detesto da morte *palidos humbraes ;*
Detesto os folhetins que escrevo nos jornaes,
Detesto Tito Livio e detesto os venenos,
Mas detesto tudo isso ainda muito menos
Do que a *sensiblerie*, a dôce musa antiga,
Que passou de ser musa a ser uma lombriga.
Eu não subo, é verdade, a calçada do Combro,

De bengala na mão e de madeiro ao hombro,
Como um Christo-Romeu, como um Jesus Manfredo;
Não me chamo Lindor, nem Arthur, nem Alfredo,
E nem recito ao piano, o que parece incrivel;
Mas emfim eu não sou um cofre incombustivel,
Eu sou um homem tambem, eu tambem sinto e vivo,
Tenho o meu coração no logar respectivo,
Admiro um corpo airoso e fino e delicado,
Sou camo toda a gente um bacharel formado,
E posso dar por isso a minha opinião
Sobre o amor — essa eterna, essa imortal canção.

II

O amor feito petisco e brisa e filomela,
Ao proprio coração pondo uma manivela
De realejo, e passando uma existencia falsa
A traduzir em polka, em hymno, em guincho, em valsa

As guerras do alecrim e mais da manjerona,
Moidas como café n'essa imortal sanfona ;
O amor sem a paixão frcmente, esplendorosa,
O amor literatice, o amor licor de rosa,
Lacoonte de *biscuit*, torcendo-se aos corcovos
Nas dôces espiraes d'uma lampreia d'ovos ;
O amor assucarado, o amor amor-perfeito,
De tristeza na fronte e de vulcão ao peito,
A rouxinolisar n'um berimbáu d'alchime ;
O amor de barba intonsa, o velho amor sublime
Dos *precitos*, aos quaes a desventura alquebra,
Mussets de botequim que vão beber genebra
Sobre o cairel do abysmo ás horas do sol pôr ;
O amor que se derrete, o florianesco amor,
De conceitos gentis, subtis, que eu não destrinço,
— Um amor sustentado a beijos e a painço,
Que suspira e soluça e chora e gargareja
Á noite na varanda e de manhã na igreja ;
O amor que passa a vida a celebrar as bodas
Co'a Ella que contém em si as ellas todas ;

O amor com a tristeza aerea d'um archanjo,
Mas arrostando sempre, insipido marmanjo,
Das azas de flanela e franja inocentissima ;
O amor bijuteria, o amor pomada alvissima,
Emfim, o terno amor, o *puro* amor *ideal*
O amor sem sentimento — o amor sentimental, —
Oh, esse amor detesto-o, e entrego-o com delicia
As bengalas dos paes e ás unhas da policia.

III

Mas quando o amor se torna em paixão verdadeira,
Puro como uma hostia erguida sobre o altar,
Quando um amor domina uma existencia inteira
Como a lua domina os vagalhões do mar ;
Quando é o amor radiante, esplendido, que arvora
Em nossos corações um pavilhão d'aurora

Desdobrado no azul, quando é o amor profundo,
Um amor que nos veste uma rija armadura
Para se atravessar a batalha do mundo,
Como um leão atravessa uma floresta escura ;
Então adoro o amor, de joelhos, como adora
No topo da montanha um indio o sol doirado,
Porque um amor candente é uma hostia d'aurora,
E o peito que o encerra é um sacrario estrelado !